



medusa

CHRISTOPHER STONE

entrevista

organização

**CARLOS HENRIQUE RODRIGUES
RACHEL LOUISE SUTTON-SPENCE**

CHRISTOPHER STONE

ENTREVISTA

INTERVIEW

medusa

curitiba
2020

Copyright desta edição
© 2020 Medusa

Edição
Ricardo Corona
Eliana Borges

Projeto gráfico
Eliana Borges

Revisão
Nylcéa T. de Siqueira Pedra

ISBN 978-65-86276-00-8

Impresso no Brasil / 1ª. Edição
Foi feito o depósito legal

Editora Medusa
www.editoramedusa.com.br
editoramedusa@hotmail.com
facebook.com/EditoraMedusa

Coordenação da coleção
Andréia Guerini
Dirce Waltrick do Amarante
Sérgio Medeiros
Walter Carlos Costa

Comitê editorial
Caetano Galindo (UFPR)
Fábio de Souza Andrade (USP)
Gonzalo Aguilar (UBA)
Henryk Siewierski (UnB)
Karini Simoni (UFSC)
Kathrin Rosenfield (UFRGS)
Luana Freitas (UFC)
Malcolm McNee (Smith College)
Marco Lucchesi (UFRJ e ABL)
Myriam Ávila (UFMG)
Odile Cisneros (Universidade de Alberta)
Susana Kampff Lages (UFF)

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Christopher Stone: entrevista = interview / organização de Carlos
Henrique Rodrigues e Rachel Louise Sutton-Spence ; tradução
inglês-português de Vitória Tassara e Hanna Beer ; tradução
português-libras João Gabriel Ferreira e Victória Pedroni. -
Curitiba, PR : Medusa, 2020.
152 p. ; 19,5 x 13,5 cm. (Palavra de tradutor)

Edição trilingue
Inclui bibliografia
ISBN

CDD (22ª ed.)
419

1.

coleção palavra de tradutor

ORGANIZAÇÃO

EDITED BY

**CARLOS HENRIQUE RODRIGUES
RACHEL LOUISE SUTTON-SPENCE**

COLABORAÇÃO

CONTRIBUTORS

**HANNA BEER
JOÃO GABRIEL FERREIRA
VICTÓRIA PEDRONI
VITÓRIA TASSARA**



Tradução inglês-português
Translation From English To Portuguese
Vitória Tassara
Hanna Beer

Revisão da tradução em português
Proofreader – Translation (Portuguese)
Carlos Henrique Rodrigues
Hanna Beer

Revisão do Inglês
English Proofreader
Rachel Louise Sutton-Spence

Tradução português-libras
Translation From Portuguese To Libras
João Gabriel Ferreira
Victória Pedroni

Revisão da tradução em Libras
Proofreader – Translation (Libras)
Carlos Henrique Rodrigues

[...] the Deaf community reports that more and more people are exposed to BSL [British Sign Language] without meeting the community [...] They also report that more and more people are learning BSL without having ever met a Deaf Person; and more and more people become T/Is [Translators/Interpreters] by following training routes, rather than by mixing with the community to gain acceptance and approval before working as T/Is. This leads to hearing T/Is having no exposure to the Deaf translation norm.

Stone, 2009, p. XV.

[...] a Comunidade Surda relata que cada vez mais pessoas se expõem à BSL [Língua de Sinais Britânica] sem conhecer essa Comunidade [...] Também relata que cada vez mais pessoas estão aprendendo BSL sem nunca terem conhecido uma pessoa Surda; e cada vez mais pessoas se tornam T/Is [tradutores/intérpretes] por meio de formações, ao invés de buscar o envolvimento com a Comunidade para serem reconhecidos e aceitos antes de iniciar sua atuação como T/Is. Isso resulta em T/Is ouvintes sem exposição alguma à Norma Surda de Tradução.

Stone, 2009, p. XV.

- 13 **INTRODUCTION**
APRESENTAÇÃO
- 23 **FIRST WORDS:**
APPROACHING SIGN LANGUAGES AND THE DEAF COMMUNITIES
PRIMEIROS DIÁLOGOS:
A APROXIMAÇÃO ÀS LÍNGUAS DE SINAIS E ÀS COMUNIDADES SURDAS
- 38 **KEY POINT:**
THE PROFESSION OF THE SIGN LANGUAGE TRANSLATOR AND INTERPRETER
PONTO CENTRAL:
A PROFISSÃO DE TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS
- 100 **MAIN CONTRIBUTION:**
THE PROPOSAL OF DEAF TRANSLATION NORMS
CONTRIBUIÇÃO DE DESTAQUE:
A PROPOSIÇÃO DAS NORMAS SURDAS DE TRADUÇÃO
- 119 **CONCLUSION:**
FUTURE PERSPECTIVES
ENCERRAMENTO:
PERSPECTIVAS FUTURAS
- 131 **BIOGRAPHY:**
CHRISTOPHER STONE
BIOGRAFIA:
CHRISTOPHER STONE

INTRODUCTION

Translators and interpreters have carried out important roles throughout history. They have been responsible for facilitating linguistic, social, cultural, political and/or economic encounters that would otherwise be impractical or even impossible. Human (inter)actions are central to their work, as they (re)signify the multiple, unpredictable and multifaceted relations of these encounters. Translating or interpreting tasks transform people and (re)define societies. The importance and value of interpreters and translators in today's world is undeniable, marked as it is by international migration, intense multilingual and communicative dynamics, and extensive technological and scientific advances.

In this volume of *Coleção Palavra de Tradutor* (in English, *Translator's Words Collection*), dedicated to sign language interpreter and translator Christopher Stone, we highlight two main points. The first point is the recognition and visibility that sign language interpreters and translators have historically achieved around the globe in conference settings — especially in major national and international, multicultural and multilingual events, and in global media — and in community settings — in a more dialogical, intranational and intrasocial performance, focusing, for instance, on the access of Deaf people to social goods and services.

The second point concerns the constitution, affirmation and consolidation of specific disciplinary fields, such as Deaf Studies, Sign Language Linguistics and Sign Language Translation and Interpreting Studies which emerge from the work of sign language interpreters and translators. In these groundbreaking disciplinary fields, the performance of sign language interpreters and translators—who have often also acted as university professors and/or researchers—has been a cornerstone for their recognition as professionals (i.e., as interpreters and/or translators) and for promoting and spreading information and knowledge to Deaf communities, to other professionals involved with sign languages and to global society.

Another distinguishing feature of this volume is that it is trilingual. In the following pages you will access the content both in Portuguese and in English. In addition, there is the option to access a version in Brazilian Sign Language (Libras), translated by a Deaf translators. In this sense, this volume (i) brings out the uniqueness of interpreters and translators who work with sign languages; (ii) documents the social, political and cultural changes, improvements and recognitions through history; and (iii) presents possible challenges related to the fields of intermodal (between a sign and a spoken language) and gestural-visual intramodal (between two sign languages) translation and interpretation in the future.

Of all the possible people we could pay tribute

to in this volume, we chose Christopher Stone — an interpreter, translator, professor, and researcher — who personally and professionally has several attributes in common with fellow professionals who are also social actors among international Deaf communities. Stone's work has been crucial to the promotion of these communities, their recognition as a specific linguistic and cultural minority, and to an active participation in mainly hearing societies.

The interview conducted with Christopher highlights many issues that sign language interpreters and translators face in their personal and professional careers, not only in the recognition and appreciation of their work, but in assuring Deaf communities' rights to: (i) access through sign language news and knowledge originally produced and shared in spoken languages; (ii) converse directly with speakers of different spoken languages using their sign language with due respect; and (iii) disseminate knowledge and information that emerge from within Deaf communities, produced in sign language and recorded on video, through interpretation and/or translation into spoken languages.

Finally, we invite you to engage in our dialogue with Christopher and to plunge into this unique and captivating reality of professionals who work from/between/to sign languages, as well as into their experiences: (i) within Deaf communities in their multiple and multifaceted territories; (ii) at the intersections and boundaries of these communities with the hearing

world; (iii) outside these communities, approaching and moving away from languages, cultures, identities and realities that are increasingly constituted and crossed by the diversity and differences that characterise our contemporary fluid, cosmopolitan and unpredictable society.

Carlos Henrique Rodrigues and Rachel Sutton-Spence
Editors

APRESENTAÇÃO

Os tradutores e os intérpretes são vozes importantes na história. É por meio deles que diversos contatos linguísticos, sociais, culturais, políticos e/ou econômicos improváveis, ou mesmo impraticáveis, se tornam factíveis e profícuos. Esses profissionais vêm sendo constituídos nas e pelas (inter) ações humanas, ao mesmo tempo em que (re) significam essas múltiplas, imprevisíveis e multifacetadas relações. As atividades de tradução ou de interpretação (trans) formam pessoas e (re) definem sociedades. É inegável a importância e o valor dos intérpretes e dos tradutores para a constituição do mundo atual com seus muitos fluxos migratórios internacionais, com suas intensas dinâmicas comunicativas multilíngues e com seus incontroláveis avanços tecnológicos e científicos circulando por todo o globo.

Neste volume da Coleção Palavra de Tradutor, dedicado ao intérprete e tradutor de línguas de sinais, Christopher Stone, destacamos dois pontos importantes. O primeiro deles é o reconhecimento e a visibilidade que historicamente os profissionais da interpretação e da tradução de línguas de sinais lograram em todo o mundo, por meio de sua atuação em contextos de conferências — com destaque, principalmente, para os grandes eventos nacionais e internacionais, multiculturais e multilíngues, e para a mídia de circulação global

— e em contextos comunitários — numa atuação de caráter mais dialógico, intranacional e intrassocial, com foco no acesso dos Surdos aos bens e serviços sociais, por exemplo.

E o segundo ponto é a constituição, afirmação e consolidação de campos disciplinares específicos, que nascem em meio a atuação de intérpretes e tradutores de línguas de sinais, tais como os Estudos Surdos, os Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais e os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais. Nesses inovadores campos disciplinares, a ação dos intérpretes e tradutores de línguas de sinais — que assumiram também, muitas vezes, o papel de professores e/ou de pesquisadores — foi um ponto fundamental para o seu reconhecimento profissional (i.e., como intérpretes e/ou tradutores) e para a promoção e circulação de informações e de conhecimentos em meio às Comunidades Surdas, aos demais profissionais das línguas de sinais e à sociedade global.

Outro aspecto diferenciador desse volume é o fato de ele ser trilingue. Nas páginas seguintes, você terá o texto em português e em inglês. Além disso, há a opção de acessar o videotexto em Língua Brasileira de Sinais — Libras, traduzido por tradutores Surdos. Nesse sentido, a obra (i) traz à tona a singularidade dos intérpretes e tradutores que atuam com línguas de sinais; (ii) registra uma história de mudanças, aperfeiçoamentos e reconhecimentos sociais, políticos e culturais; e (iii) apresenta possíveis desafios futuros ao campo da tra-

dução e da interpretação intermodal (entre uma língua de sinais e outra vocal) e intramodal gestual-visual (entre duas línguas de sinais).

Dentre os muitos profissionais que poderíamos homenagear neste volume, a escolha do intérprete, tradutor, professor e pesquisador Christopher Stone deve-se ao fato de ele, pessoal e profissionalmente, reunir uma série de características comuns às trajetórias de muitos colegas de profissão que também se tornaram importantes atores sociais em meio às Comunidades Surdas internacionais. A atuação de Stone, assim como de muitos outros intérpretes, foi central à promoção dessas Comunidades, ao seu reconhecimento como minoria linguística e cultural específica e à sua participação ativa na sociedade majoritariamente ouvinte.

A entrevista que conduzimos com Christopher evidencia as muitas questões que intérpretes e tradutores de línguas de sinais enfrentam no decorrer de suas trajetórias, pessoais e profissionais, em prol, não só do reconhecimento e valorização de seu trabalho, mas, sobretudo, dos direitos de as Comunidades Surdas: (i) acessarem, por meio da língua de sinais, as notícias e os saberes originalmente produzidos e difundidos em línguas vocais; (ii) dialogarem diretamente com os falantes das mais diversas línguas vocais, podendo usar sua língua de sinais com o devido respeito; e (iii) disseminarem os conhecimentos e as informações que emergem no seio das Comunidades Surdas — que se manifestam em língua de sinais e que são registrados

em vídeos, por exemplo — por meio de sua interpretação e/ou tradução para línguas vocais, entre outros.

Por fim, resta-nos convidá-los a participar de nosso diálogo com Christopher e de mergulhar nessa realidade tão singular e cativante de constituição do profissional que atua de/entre/para línguas de sinais, bem como de suas experiências: (i) dentro das Comunidades Surdas, em seus territórios múltiplos e multifacetados; (ii) nas interseções e fronteiras dessas Comunidades com o mundo ouvinte; e (iii) fora dessas Comunidades, aproximando-se e afastando-se de línguas, culturas, identidades e realidades, cada vez mais, constituídas e atravessadas pela diversidade e pelas diferenças que marcam a contemporaneidade fluída, cosmopolita e imprevisível.

Carlos Henrique Rodrigues e Rachel Sutton-Spence
Organizadores

**FIRST WORDS:
APPROACHING SIGN LANGUAGES AND THE DEAF
COMMUNITIES**

Sutton-Spence: **First of all, thank you so much for agreeing to take part in this interview.**

Stone: It is a pleasure.

Sutton-Spence: **We would like to give people an idea of you as an interpreter, a translator, a researcher and a trainer of interpreters and translators. This idea of the researcher practitioner is so important. Our first question is a general one: What first brought you to Sign Language?**

Stone: I would probably say that I'm like many people in my generation in that we had See Hear¹. When I was a child growing up in the UK, there were only three television channels: BBC 1 had the church program, ITV had the High Art program² and only BBC 2 had programs to watch on a Sunday morning. You watched the Children's programme, the Asian Network³ programme, and See Hear, the Deaf magazine programme. But more formally, when I went to university, I went into a

1 <https://www.bbc.co.uk/programmes/b006m9cb>

2 <http://www.bbc.com/culture/tv/the-high-art-of-the-low-countries>

3 <https://www.bbc.co.uk/asiannetwork>

volunteer office, and they suggested I might volunteer at the local Deaf school. So, I ended up volunteering with the kids. I knew a little bit of the alphabet from the communication badge in the Cubs⁴. Then I began mixing with Deaf adults and socializing with the Community. That university was Exeter University, so not far from Bristol. When I finished my degree, I thought that I'd like to do more of this, so I applied to Bristol, and I believe that one of the people that interviewed me when I applied was somebody called Rachel Sutton-Spence.

Sutton-Spence: You arrived at Bristol to do a two-year course, funded by the European Union, is that right?

Stone: Yes. I had had four years of socializing with the Deaf community, prior to arriving in Bristol, working as a volunteer with the kids one day a week in my first and second year. For my third year, I went to France on an Erasmus⁵ year abroad and one of the people who I socialized with there had Deaf parents. That was one of those strange coincidences of life. For the first two years, I volunteered with twelve-to-fifteen-year-olds, and when I came back from Europe, I volunteered with sixteen-to-nineteen-year-olds. I'd done a formal sign language qualification in the previous summer, but I had those four years, then applied to Bristol.

⁴ Part of the Scout Association.

⁵ European Region Action Scheme for the Mobility of University Students

The Horizon Funding for Europe⁶ meant we could do a postgraduate program for two years. One of the wonderful things about Bristol when I arrived was that there were 24 hearing students in my year and 16 Deaf students, so we had a very strong, almost balanced situation. It was an immersive environment, walking into the building with a quite strong philosophy of when you're in the building, you're to use sign language. The fact that we had so many Deaf students in that year also helped to ensure that that was the case. It was like living in a Deaf house for two years, really. And having linguistics taught in the first year to the two groups separately because it was so large, and the lab sessions together in sign language, and in the second year everything in sign language. A lot of other courses were taught in sign language, too. So, I had four years prior to Bristol and two years in Bristol. In my first year professionally, I worked with Gloria Pullen⁷ in Uganda. It was the opportunity to go there and live in a Deaf house again, so I had seven years of exposure to the language before I started working full-time as a freelance interpreter. So, I had a good level of exposure and I also lived in "Deaf land", and that's probably where I was able to become fluent, as fluent as I've become, because of great teaching and exposure.

Sutton-Spence: You mentioned briefly that you went to France for your Erasmus year, which suggests you have

⁶ <https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/en/what-horizon-2020>

⁷ Gloria Pullen is a British Deaf woman who worked at Bristol University's Centre for Deaf Studies.

a language knack, generally, and I know that you've worked in America. Is that when you acquired ASL⁸?

Stone: You know, ASL is a crazy conundrum. Yes, I studied French at school, did a year of German, and carried on doing French whilst I was doing my Chemistry Degree in Exeter. I had an Erasmus year abroad where I studied chemistry in French. When I started my interpreting training, my French was much better than my British Sign Language. Probably by the end, they were about equal, and after a year with Gloria they switched. One of the things about being at Bristol is that a lot of international visitors come. So, we saw International Sign⁹, and we saw Deaf interpreters working. I remember Ben Bahan¹⁰ coming over, so I saw ASL. And a lot of the references we had in sign language linguistics referred to ASL, so we had a kind of lexical knowledge, through that tacit exposure to American Sign Language.

I went to Uganda with Gloria, so I had to learn Ugandan Sign Language, and when I came back, I did some teaching at Bristol when there was a cohort of Irish students, and so I had the pleasure of seeing Irish Sign Language. And I dated an Irish Sign Language user a little bit, back in the day, but that's another story. Going to conferences, I often bumped into Deaf people who were American, and maybe used this "International ASL", or "World ASL", so I kind of picked up ASL just by socializing. Much later in my career, I went to

8 American Sign Language.

9 International Sign is a pre-established sign system used and recognized internationally.

10 Benjamin James Bahan is a professor of ASL and Deaf Studies at Gallaudet University and a member of the Deaf community.

Gallaudet¹¹ in 2012, and realized how much World ASL and American ASL are not the same thing. When you go to a conference, people are expecting to use World ASL, and when you pick American ASL, they say "humm, no, that's not what we do here". Christian Rathmann¹² is quite a good friend of mine, we have often had conversations in ASL, although he is fluent now in British Sign Language as well as ASL and German Sign Language, his first sign language. So, I picked up ASL along the way.

In terms of ASL, I was one of the few interpreters in Europe who had a really good linguistics training, from my professor Sutton-Spence, so I was very able to do linguistics interpreting. Some Deaf linguistics researchers, including Christian Rathmann and Gaurav Mathur¹³ found my style very clear, even though I wasn't necessarily using ASL. They found that I could conceptualize linguistics well, transparently, in terms of watching a PowerPoint and looking for what people are doing with the language, so they would book me when they came over to Europe, and that gave me more feedback when using ASL. They give me the lexicon, which they wanted me to use. I was comfortable with one handed fingerspelling¹⁴, because of knowing

11 Gallaudet University is a federally chartered private university for the education of Deaf and hard of hearing people. It is located in Washington, D.C.

12 Deaf Studies professor, also Deaf, at Humboldt-Universität zu Berlin.

13 Deaf professor at Gallaudet University and dean of Graduate School and Continuing Studies.

14 Note that ASL uses a one-handed manual alphabet and BSL uses a two-handed fingerspelling system, and British signers can find it hard to transition to one-handed systems.

Ugandan and Irish fingerspelling. So, it was more of a gradual thing I suppose. And then, three years in Gallaudet made me realize that they will fingerspell really fast if they want to.

Sutton-Spence: **Can you say what attracted you personally to sign language? Is there something that just lights the fire, is it an intellectual thing, or an emotional thing? What is it that inspires you?**

Stone: I think originally it was probably an intellectual thing. I like languages and it was another language. I had good socialization experiences with the first Deaf people I met. At Exeter, the kids were a lot of fun. I seem to have a good propensity to pick up sign language. I remember one week I said to the kids "Ah, I don't know many signs, do you have a book or anything?" They gave me a book, and I remembered the signs, and when I checked with the kids, they were impressed that I had learned them. So, I think part of it is intellectual. Now, 20 years later, much of my life has been lived in sign-language-using Deaf communities, so I've had very poignant moments of my life, which means it is very emotional too.

Whenever I go into a new community, for example in Eastern Europe, there's the intellectual fascination of thinking "some of these signs I recognize from other sign languages which are in the neighbourhood. I wonder what that relationship is". So, there is the

academic brain, but then, of course, you have that fascinating translanguaging of Deaf communities where you're trying to work out how you can talk to each other, sharing your mutual experiences and that becomes kind of personal as well, because of the networks, the jokes and laughing.

Sutton-Spence: **Yes, that's the kind of thing we all love.**

PRIMEIROS DIÁLOGOS:
A APROXIMAÇÃO ÀS LÍNGUAS DE SINAIS E ÀS
COMUNIDADES SURDAS

Sutton-Spence: **Primeiramente, muito obrigada por concordar em ser entrevistado.**

Stone: É um prazer.

Sutton-Spence: **Gostaríamos de oferecer às pessoas uma ideia de você como intérprete, tradutor, pesquisador e formador de intérpretes e tradutores, já que essa noção de pesquisador atuante é muito importante. A primeira pergunta que temos é mais geral: O que te trouxe para a Língua de Sinais?**

Stone: Eu provavelmente diria que sou como muitas pessoas da minha geração, pois nós tínhamos o *See Hear*¹. Como uma criança que cresceu no Reino Unido, eu tinha acesso a apenas três canais de televisão: BBC 1 com o programa da igreja, a ITV com o programa *High Art*² e somente a BBC 2 com programas para assistir nas manhãs de domingo. Você assistia ao programa

1 *See Hear* é um programa exibido pela BBC que apresenta temáticas voltadas para Surdos e pessoas com deficiência auditiva. Mais informações no link: <https://www.bbc.co.uk/programmes/b006m9cb>

2 *High Art of the Low Countries*: <http://www.bbc.com/culture/tv/the-high-art-of-the-low-countries>

infantil, ao programa *Asian Network*³ e ao *See Hear*, um programa de atualidades para Surdos. No entanto, de uma maneira mais formal, quando entrei para a universidade, fui ao escritório de voluntariado e eles me disseram que eu poderia ser voluntário na Escola de Surdos da região. Assim, acabei fazendo trabalho voluntário com as crianças. Eu sabia um pouco do alfabeto manual por causa do distintivo de comunicação dos *Cubs*⁴. A partir disso, comecei a me envolver com Surdos adultos, convivendo com a Comunidade deles. Isso foi na Universidade Exeter, não muito longe de Bristol. E, quando me formei, pensei que gostaria de fazer mais disso. Então me candidatei à Universidade de Bristol. Acredito que uma das pessoas que me entrevistou, quando eu me candidatei, foi alguém chamada Rachel Sutton-Spence.

Sutton-Spence: **Você chegou a Bristol para um curso de dois anos e foi financiado pela União Europeia, não é?**

Stone: Sim. Antes de chegar em Bristol, eu tinha convivido com a Comunidade Surda por quatro anos, trabalhando com crianças, uma vez por semana, como voluntário durante o meu primeiro e segundo anos. No meu terceiro ano, fiz intercâmbio durante um ano pelo *Erasmus*⁵ e uma das pessoas com quem eu convivia tinha

3 <https://www.bbc.co.uk/asiannetwork>

4 Associação de escoteiros.

5 *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students* – Programa de apoio e incentivo de mobilidade acadêmica na Europa.

pais Surdos. Foi uma dessas estranhas coincidências da vida. Então, nos dois primeiros anos, eu trabalhei voluntariamente com crianças de doze a quinze anos e, quando voltei da Europa, com adolescentes entre dezesseis e dezenove anos de idade. No verão anterior, eu já havia me qualificado formalmente em língua de sinais, mas eu tive aqueles quatro anos antes de me candidatar a Bristol.

A *Horizon Funding for Europe*⁶ indicou que poderíamos fazer uma pós-graduação por dois anos. Uma das coisas maravilhosas de quando cheguei a Bristol é que havia 24 alunos ouvintes e 16 alunos Surdos naquele ano. Assim tivemos uma situação bem significativa ali, quase equilibrada. Era um ambiente imersivo, pois ao entrar no prédio tínhamos uma filosofia bem forte de que, quando você estivesse ali, usaria a língua de sinais. O fato de termos tantos alunos Surdos naquele ano também nos ajudou a assegurar que fosse assim. Na verdade, foi como viver em uma casa de Surdos por dois anos. No primeiro ano, tivemos aula de linguística separadamente para os dois grupos, pois a turma era grande, mas as aulas de laboratório foram conjuntas e em língua de sinais. E, no segundo ano, tudo foi em língua de sinais. Diversas outras disciplinas também foram em língua de sinais. Então, tive quatro anos antes de Bristol e dois anos em Bristol. E, no meu primeiro ano de atuação profissional, eu trabalhei com a Gloria Pullen⁷ na Uganda. Foi a oportunidade de ir para lá e

6 Fundo de fomento à pesquisa na Europa. <https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/en/what-horizon-2020>

7 Uma pessoa Surda que trabalhou no Centro de Estudos Surdos da

viver novamente em uma casa de Surdos. Eu tive sete anos dessa exposição à língua antes de iniciar minha atuação por tempo integral como intérprete *freelancer*. Então, tive uma boa exposição e vivi em uma “terra Surda”. E é, provavelmente, por isso que consegui me tornar fluente, o tão fluente quanto sou, já que tive um excelente ensino e exposição.

Sutton-Spence: **Você mencionou brevemente que foi para a França durante o seu Erasmus, o que sugere que, de modo geral, tem facilidade com línguas. Também sei que trabalhou nos Estados Unidos da América. Foi nesse período que adquiriu a ASL⁸?**

Stone: Sabe, a ASL é um enigma alucinante. Sim, estudei francês na escola, fiz um ano de alemão, e continuei fazendo francês enquanto fazia minha graduação em Química em Exeter. Fiz um ano de *Erasmus* no exterior, onde estudei química em francês. Quando comecei minha formação em interpretação, meu francês era muito melhor que minha Língua de Sinais Britânica. Ao final, provavelmente, elas estavam em pé de igualdade e, depois de um ano, com a Gloria, isso se inverteu. Uma das coisas de se estar em Bristol diz respeito aos muitos visitantes internacionais que recebemos. Por isso, vimos Sinais Internacionais⁹ e intérpretes Surdos

Universidade de Bristol na Inglaterra.

8 *American Sign Language* (Língua de Sinais Americana).

9 *International Sign* ou Sinais Internacionais refere-se a um sistema pré-estabelecido de sinais usados e reconhecidos internacionalmente.

trabalhando. Lembro-me de Ben Bahan¹⁰ ter nos visitado também, então eu tive contato com a ASL. E muitas das referências que tivemos de linguística da Língua de Sinais se referiam à ASL, então havia um certo conhecimento lexical decorrente dessa exposição tácita.

Fui para Uganda com a Gloria, então tive que aprender a Língua de Sinais Ugandense e, depois de retornar, ensinei em Bristol, quando havia uma turma de estudantes irlandeses. E, por isso, tive o prazer de conhecer a Língua de Sinais Irlandesa. E namorei uma pessoa falante da Língua de Sinais Irlandesa naquela época, mas isso é outra história. Ao participar de congressos, encontrava, muitas vezes, pessoas Surdas americanas que, provavelmente, usavam essa “ASL Internacional” ou “ASL Mundial”. De certa maneira, aprendi ASL apenas convivendo. E fui para a Gallaudet¹¹ bem depois, em 2012, e entendi que a ASL Internacional e a ASL Americana não são a mesma coisa. Então, quando você vai a um congresso ou conferência, as pessoas esperam que você use a “ASL Mundial” e quando você escolhe a ASL Americana, elas falam: “Hummm, não. Não é desse jeito que fazemos aqui”. Christian Rathmann¹² é um grande amigo meu e,

10 Benjamim James Bahan é professor de ASL e de Estudos Surdos na *Gallaudet* e integrante da Comunidade Surda.

11 A *Gallaudet* é uma universidade estadunidense privada voltada à educação de Surdos e pessoas com deficiência auditiva que se localiza em Washington, D.C., EUA.

12 Professor Surdo da área de Estudos Surdos na Universidade Humboldt de Berlim.

muitas vezes, nossas conversas têm sido em ASL, ainda que hoje ele seja fluente em Língua de Sinais Britânica, assim como em ASL e na Língua de Sinais Alemã, que é a primeira língua de sinais dele. Portanto, adquirei a ASL ao longo da minha trajetória.

No que se refere à ASL, eu era um dos poucos intérpretes na Europa que possuía de fato uma boa formação em linguística, devido à minha professora Sutton-Spence, assim conseguia interpretar linguística muito bem. Alguns pesquisadores Surdos da linguística, incluindo Christian Rathmann e Gaurav Mathur¹³, achavam meu estilo muito claro, apesar de eu não estar necessariamente usando a ASL. Consideravam que eu podia apresentar uma ideia de forma clara, no que diz respeito a observar um *PowerPoint* em busca do que se está fazendo com a língua. Eles se encontravam comigo quando vinham para a Europa e isso me possibilitou um maior retorno sobre o meu uso da ASL. Eles me davam o léxico que queriam que eu usasse. Eu estava confortável com a datilologia de uma mão só¹⁴, visto que a datilologia dos ugandenses e irlandeses também é assim. Então, considero que foi algo mais gradual. Depois, os três anos na Gallaudet me fizeram entender que eles poderiam fazer a datilologia muito rápido, se quisessem.

13 Professor Surdo da *Gallaudet* e reitor da Pós-Graduação em Estudos Continuados.

14 Observe que na ASL a datilologia é feita apenas com uma das mãos, assim como em Libras. Entretanto, na BSL, a datilologia é realizada com as duas mãos. Isso faz com que os sinalizantes britânicos encontrem mais dificuldade para usar apenas uma mão na datilologia.

Sutton-Spence: **Você pode dizer o que te atraiu à Língua de Sinais? Tem algo que realmente te estimula, é algo intelectual ou emocional? Você pode dizer o que é que te inspira?**

Stone: Eu acho que originalmente foi algo intelectual. Eu gosto das línguas e era mais uma língua. Eu tive boas experiências de convivência com os primeiros Surdos que conheci. Em *Exeter*, as crianças eram muito divertidas. Parece que tenho uma boa propensão para adquirir língua de sinais. Lembro-me de, numa semana, ter dito às crianças: “Ah, eu não sei muitos sinais, vocês têm um livro ou algo assim?”. Deram-me um livro e memorizei os sinais. Depois, quando ia verificar com as crianças, elas ficavam impressionadas com o que eu havia aprendido. Portanto, acredito que, em parte, isso é intelectual. Agora, 20 anos depois, grande parte da minha vida foi vivida nas Comunidades Surdas sinalizantes, com muitos momentos comoventes, de modo que há muito de emocional também.

Sempre que eu entro em uma nova Comunidade, por exemplo, na Europa Oriental, há o fascínio intelectual de pensar: “Alguns desses sinais eu reconheço de outras línguas de sinais que são usadas ao redor daqui. Que relação será essa?”. Portanto, há o cérebro acadêmico, mas, então, você tem essa fascinante *translinguagem* das Comunidades Surdas em que está tentando se comunicar, compartilhar experiências mútuas. E isso também se torna pessoal, devido às redes de contato,

às brincadeiras e aos momentos engraçados.

Sutton-Spence: **Verdade, esse é o tipo de coisa que todos nós amamos.**

KEY POINT:**THE PROFESSION OF THE SIGN LANGUAGE
TRANSLATOR AND INTERPRETER**

Sutton-Spence: **Was there ever any doubt in your mind that you would become an interpreter?**

Stone: I didn't originally want to become an interpreter. I did the interpreting course at Bristol, because it gave me the best exposure to sign language. From my experience in Exeter, it was clear that if I wanted to work with Deaf people, I needed to be fluent in sign language. So, looking at the options available in Bristol — with seven sign language courses in the interpreting course as opposed to four for the general Deaf Studies course —, Interpreting seemed like the way to go. Then I fell in love with Interpreting, and it was only when doing the Interpreting in the second year of that course that I realised I was not bad at it. It's very satisfying when you find you're not bad at something at the age of 22. I like the academic challenge of trying to work on what somebody is saying and then rendering it in another language. That mental stimulation never gets boring for me. I think Interpreters need to have a little of that, to continue doing the job. Somebody says a funny phrase or couches it in one and I think "Oh, how am I going to get the essence of that across?". Also, probably, as

a gay man growing up, I have a strong sense of social injustice, being there to witness people's lives and trying to facilitate equality, at least in those moments, I think that is a driving factor. I think all of that came together, then being in Uganda with Gloria probably crystallized the idea of "I enjoy this, I think I can contribute to the world continuing to do this". And I feel good about myself. What's wrong with that?

Sutton-Spence: **Is there a moment that stands out for you, something during your career as a Sign Language Interpreter, rather than as a trainer or a researcher, when you thought: "This is a really important Interpreting moment in my life"?**

Stone: I can think of several moments. Some of them more *High Profile*, whatever that means. In Uganda, I remember, it was fascinating working as a community interpreter and having people bang on the compound door. I remember one moment, there was a bang on the door in the middle of the night, and a Deaf guy and his brother called me in. The hearing brother had disclosed information about a death that had happened and I remember thinking: "Goodness, this is really serious", but saying to the group, "Can you come into the kitchen?" while thinking: "I've just been told this and I don't know what to do with it". But I had to get on with it. The man had twin girls, and I recall driving them to the hospital, and interpreting for

them in the hospital, one of them living, the other one dying, then interpreting the christening of one and in the funeral of the other. It was a wonderful moment in terms of just allowing people to live their lives, with the joys and griefs of all of that. It was just that, on a very personal level, phenomenal. And there are other moments, for example, interpreting in Trafalgar Square, for the BSL Marches¹. An interpreter hadn't turned up and someone asked: "Will you do it?". I remember having the microphone and then that voice-over being used for See Hear and thinking "That's quite good, I'm quite pleased with that."

I also interpreted for one of the Deaf people who came to be quite high up in the Unions in the UK. And at several moments she chaired conferences, and I was the interpreter, so I was her voice for chairing conferences. There was a conference of five thousand strong, and a Deaf sign language user was there with an interpreter sitting next to her, for the chair's aid. And I was the voice to the conference. Again, it is about just allowing Deaf people to succeed in society. A myriad of things. One of my personal favorites was before I started my PhD, when I got a scholarship to go to Finland for a couple of months. I met Liisa Kauppinen² then, so I've known

¹ Trafalgar Square is a public square in the City of Westminster, Central London, built around the area formerly known as Charing Cross. It is sometimes used as a meeting point for rallies and protest groups. The BSL Marches were part of a national campaign for the official recognition of BSL, which culminated in recognition by the government in 2003.

² Finnish Deaf Person former president of the World Deaf Federation (WFD) who received the UN Human Rights Award in 2013.

her for many years. Several years later, I was one of the interpreters who worked with her when she got the Human Rights Award at the UN. It was really nice to be there for her. I asked her "Do you want me to use some Finnish Sign Language, rather than International?". And she said "To be honest, that would be lovely". So, it was really nice to be able to pay that back. That meant quite a lot to me, to be able to do something for her in a moment, when she's done so much globally for the Deaf world.

Sutton-Spence: **Thank you. Now on a new topic, can you tell us: What are your working languages? A, B and C?**

Stone: My "A" languages, are English and British Sign Language, I would say. ASL is a "B" language and my "C" languages are probably spoken French and Irish Sign Language. We would probably have International Language System as the B level, but we wouldn't say it was a language. I can communicate in Finnish Sign Language; I still vaguely know Ugandan Sign Language. I know a little bit of spoken German.

Sutton-Spence: **Just going back briefly to your history of training, we'd like to ask: would you recommend your trajectory to somebody trying to learn today? Do you think it's possible? Would you have changed anything in yours?**

Stone: I was lucky, you know. Luck is about being prepared to take the opportunities that are presented to you. I think for me, having four years prior to going to Bristol was important. The time I was at Bristol University was a golden era, and it was the best interpreting training, I would argue, in the world. When I tell people about the academic exposure we had to language, psychology, interpreting, Deaf and hearing colleagues and all that happened in Bristol they are amazed. I didn't plan that, but it just happened to be near Exeter and I kind of fell into it. For me, the idea of having some theoretical knowledge and applying that to practice, makes sense. Interpreting is thinking in action. You need to understand what you are doing. You need to have the tools to understand what you are doing to be able to get better, and you also need to have good role models, Deaf and hearing. And Deaf people who aren't just teaching sign language, but Deaf people who are teaching other things. You need to be involved in that exposed moment where you are immersed in the moment and you are learning through sign language, because that's what Deaf people do, and that's how I had that experience in French. So, for me it made sense that this is how you do it. And I wouldn't change a thing, but whether it's possible now, it depends where you live. I would say probably in Western Europe it's less possible, but in other parts of the world, it is more possible.

I guess there are great models of interpreter training

emerging in Brazil, for example. Brazil is a real hotspot. So, yes, it's possible. You need to have some kind of immersive experience in Sign Language because you need to get past that thing of forever having spoken language in your head and get away from code switching. You need to have some kind of immersive learning experience, so you just start thinking in that language. You need to have exposure. Bristol Deaf Club was still very active when we were students, and you also need to have community experiences outside of an academic experience. And really good role models of professional practices, both Deaf and hearing. For us, the Deaf practice happened incidentally. Edith Norrman³ taught us interpreting but we learned Deaf practice from her too because of her heritage as a hearing person who grew up in a Deaf family. I always said: "Really, you are a Deaf person who happens to speak English", because sometimes she said things in English that made you think "if that was in sign language, yes, that would be fine". She's got a Deaf brain. Also, because we saw Linda Day, Lorna Allsop, and Clark Denmark⁴ work as interpreters and we had visitors, so we had the whole exposure. In places where there are Deaf clubs, there are still a lot of Deaf festivals, and there's still a lot of volunteering. Where I am in Wolverhampton, we

³ A widely respected BSL-English Interpreter who taught interpreting to students at the Bristol University Centre for Deaf Studies before training as a barrister in criminal law, specializing in working with Deaf people. She grew up in a Deaf family.

⁴ All Deaf lecturers at the Centre for Deaf Studies at Bristol, University, all from Deaf families.

still have six nearby Deaf Clubs, where students are able to go. In the West Midlands area, they can go to Birmingham, Wolverhampton, Walsall, Cannock and Shrewsbury and meet different kinds of Deaf people, and they have those community moments.

If you want to interpret for people, you have to understand their lived experience, and that's through language, and using language, and seeing how people interact. I had a great experience and I wouldn't change it for the world, and I think in the 21st Century, the place for interpreter training is in Universities, because the professional expectations on interpreters in so many different situations require graduate level training. Thinking about what you're doing, analysis of what you're doing, and understanding the dynamics were really useful tools for career-long reflection.

Sutton-Spence: **What is your formal qualification in Interpreting?**

Stone: Formally I have my initial interpreting training, which was a post-graduate diploma in "Interpreting (Deaf Studies)". That was the Bristol Qualification.

Sutton-Spence: **Do you have the CACDP⁵ level 3 qualification from the old days?**

Stone: Goodness, yes, I do. I have CACDP level 1,

⁵ CACDP – Council for the Advancement of Communication with Deaf People. Level 3.

stage 1. Because I did the Bristol course, I didn't have to do stage 2, but I took stage 2 at the end of my first year and passed, with a Distinction in Conversation. Who would have thought that? After I got the Bristol diploma in Interpreting, I did the formal assessment for CACDP. And in terms of ASL, I took the NIC⁶ Exam at Gallaudet University, so I'm a certified ASL Interpreter, and maintain my RID⁷ certification and continued professional development. I'm also accredited by the WFD⁸ and WASLI⁹ as an International Sign - English Interpreter. I guess I was grandfathered into that. Then, it was via portfolio, but now, that's formally assessed.

Sutton-Spence: **You were "grandfathered in"?**

Stone: Yes. I asked people if they would submit evidence and letters of approval and I was one of the original people on the list. I'm also an active member of AIIIC, *Association Internationale des Interprètes de Conférence* (International Association of Conference Interpreters). That is for Spoken Language. English, BSL and ASL are my working languages in that Association.

Sutton-Spence: **We would also like to know about your experience as a translator, as opposed to your experience as an interpreter.**

⁶ National Interpreter Certification

⁷ Registry of Interpreters for the Deaf. <https://rid.org/>

⁸ World Federation of the Deaf. <http://wfdeaf.org/>

⁹ World Association of Sign Language Interpreters. <https://wasli.org/>

Stone: I tend to defer to my Deaf colleagues to do translation work. I mean if we are talking about going from written text into Sign Language, mainly because it's a Deaf job, really. That's the politics of it, I would say definitely in the UK, and working into your L1 is very common in the industry, generally. In terms of kind of television work, where I pre-record material, that is probably a hybrid form. I suppose that also emerged from my PhD work. If anything, it would be interesting to explore that in greater depth. We've just started having Deaf people interpreting, translating the National News. It was only ever Regional News in the past and now there's a window of opportunity. I'm going to be starting some interviews with Deaf people who are doing the National News, some of whom also did the Regional News, just to find out how they differ. In terms of a kind of hybrid form of a presented translation, most of the work I've done into sign language would be on television. That's normally just because the economic model makes sense in the work that we do for the principle provider of news for the BBC. Anything that is scripted so Deaf people can have access to the autocue and read the actual autocue, is done by Deaf translators. They watch the program with the autocue script and can adjust the autocue script if they want to, but normally they watch the program once, assuming they haven't seen it already, and then they present the translations. Probably, we all practice in front of the screen, where we do some of the things which I

identified in my PhD research. What's interesting about it as a hybrid form is that you got to see the whole of the piece, and that's where we see characteristics of translation. Typically, our colleagues in extended translation see the whole of the piece to inform some of the decisions that they make translating earlier on in the piece. They are informed by the fact that they know what the whole piece looks like. That could be anything from a letter to something much more substantial. If it's literary translation from our written language colleagues, then of course there is a sense of what the story arc is going to be, so you can ensure that your decisions are informed sensitively from things that come later on. So, as an element of translation, I would say that's present in a lot of television work. Even the BBC News, which is a live interpretation, but is within the context of a fifteen-minute cycle of news. You get into the studio at 6 o'clock in the morning and you're live in front of the camera at quarter to seven, so you see three versions of those new stories. I also have the BBC News App so I can read all the stories that are going to be there when I am travelling in. You know what the headlines will be, what they will feature and then you can make a rough guess of what the BBC thinks will be a cute story, or a serious story, or a regional story that they want to highlight, within the program. By the time you get there at six o'clock you can see what their decisions are. While you're watching these things, you're able to sit in front of the computer, use Google Maps if the cities

are in countries you may be less familiar with, practice fingerspelling so that you can do that fluidly, and look at the visual information they're presenting alongside you, so you can make sure that you're isomorphic with the screen, or point to the right places. Often on the BBC News there is a London piece for three minutes. The way they're broadcasting it, you're watching the digital broadcast of the news, so wherever you are on the country, you only get to see the London News, because it doesn't go to a regional News version. When they say "Now we go to the News where you are", that means, if you're watching this program, "London", so there's no point in saying "wherever you are" because that's not what's about to happen to you, the viewer. If they have a little map view and say "all these things have happened in Birmingham" you know they'll show the map, and so you can point. You know the audience, so you can make decisions like whether you'll fingerspell things or not, knowing that some people find that difficult to understand on a two dimensional screen. With fingerspelling, there may be words that people are not used to seeing written, and timewise you don't necessarily have the time to foreground it, so you can do the classic thing of "I'm now going to look down at my fingers because this is not going to be what you are used to understanding". If it's a non-English word, even the spread of the word in fingerspelling won't necessarily have a standard pattern. Because with the contractions that we have, the frequency effect tailors

how you fingerspell in English, but when it isn't in English are you going to do something more letter-driven, rather than pattern-driven? You can start to think about those decisions before you're on screen, thinking very specifically about the information you have. In spoken language interpreting because of technology, sometimes colleagues will record what somebody says, rather than note taking. They record what they say and then they re-listen to what they said, and then they interpret it. They call that "consecutive simultaneous interpreting". I think probably what we do on the News is more like Consecutive Presented Translation, depending on how you approach it. Most of the information you're rendering is information that you've had before, and you know the shape of that information. Because Sign Language is an unwritten language, at least in the UK and most of the world, and also because it's broadcast live, you can't revisit it, and edit it. In the UK, most translations that we see are translations where, because of time and the economics of it all, people prepare heavily, and then do it "as if live" to camera. Rarely, they might have a second chance of doing it, depending on the length of the piece they're translating, but you rarely see a chance of any editing. I used to be involved in some museum guide translation work and although I wasn't in front of the camera I was involved in the whole process. We would have discussions in the team, somebody would monitor what was happening and then maybe they'd

say we need to do this again, but obviously that all takes time. People think it's a non-time-constrained event and it's not time-constrained like interpreting, with the pressure of not knowing what's coming next. In translation you know where the journey is, but there's still time pressure. With computer assisted technology, concordances and translation software, someone can pump out quite a lot of wordage per day, so you have to be competitive if you're doing translation work in the UK context where they are paying for a BSL translation. It's not like being given a small piece and having weeks to do it. Maybe clients say: "can we have it by the end of the day?". You can be faxed something, you read it, do a sight translation, watch yourself back, make sure it makes sense, then you send it off. That's it, done. You don't have much time to consider it, but you do know the whole of the letter, and you should know how to make that suitable to the audience. For museum guides, the reviewing process is part of the model, and you've got to do good work, because you've got to review it. You can also think about how you're to edit things in. If you're doing a children's version, are you going to have costumes or stills of what you talk about in a museum that you can edit in? Then you can say: "This thing *here*, that's called *whatever*". You can remember that, even though you're signing, most British Deaf people can read, although they may not all be fluent English readers. They'll read words and want to know what the words are, so if you're doing a museum guide, you can

also think about where you might place subtitles, and it becomes much more of a multimedia, multilingual thing. It's not that people don't have Sign Language, it's just that they may also want to know what the term is, so the next time they go to a museum that doesn't have a BSL guide, and they see that word, describing a piece of art, they think "Oh, I know that!".

I remember doing a piece for BBC 4, a digital television channel tailored to a slightly more erudite audience. The people who you imagine will be watching those programs are university-educated people, truth be told. It may have a history program about Ancient Greece or an art program. Well, I'll never forget the time I was interpreting a program about Hannibal taking elephants over the Alps. I am interested in that period of history, as it happens, and I know quite a lot about it, and I was discovering new things and learning how to spell things. As I was doing it, there was a moment when I thought: "Nobody's going to watch this. All the people who watch this will probably be people who can also understand the subtitles".

About a week after it was transmitted, I popped down to Bristol to catch up with some people, and went into the Bristol Deaf club, where I saw some people I know who are not well-educated, who left school probably when they were fifteen, they probably dropped out before they did their exams, very "working class" regular Deaf people. They said to me "that was a really interesting program you interpreted about... Oh I never

knew that". And that really struck me. Even in terms of genre, when we're thinking about what that genre means within Culture One for Audience One, it doesn't have that same meaning for Audience Two. There's this expectation by Deaf people that if you're interpreting on a museum guide, or this kind of informational or educational programs, "if you're using BSL, I will understand you. I might not understand some of the things they're saying, because I don't know what they're saying, but the BSL won't be an issue, and the program should inform me. And you know, it's not like I got access to that information at school". I understood then that even in terms of genre what I might do is different. Even when it's a museum guide, people watching that might be having their first taste of art history or some of the historical information. Even though there are those time pressures, you want to make sure that you put the effort into it so that it makes sense. For the museum audio guide translations, you're often able to have conversations with organizations about how they want it to look, whether they want an adults' version or children's version, and whether they have stills that you can then superimpose. If they're thinking about the Hard of Hearing, just providing the script of the audio guide will satisfy their needs, which means we can suit a different audience. We can include subtitles, but you want to have a function to turn them on and off. Or there may be moments you want to do astons — an aston is what they call the little runner on the screen.

It's interesting in terms of translating. We also have things for local government, what we would call local councils. If a BSL user requests a BSL translation of a letter, a translation of a letter will be done. I think that's very difficult to judge. This is small community and, traditionally, we know from some of my work that that's probably what a ghost writer would do. A Deaf person would get a letter and go to a Deaf friend who is a more fluent reader of English or go to the Deaf club where they know the bilingual person to ask what the letter means.

So, let's move that into translation. That's where I think you really need to be sensitive to making sure that Deaf person, a Deaf eye, is looking on them. Probably, Deaf people do that but very few hearing people have that cultural capital to be able to do a translation that looks Deaf. Maybe one of my community members is telling me what this letter means, and already that changes the power balance between how I can respond to this letter. I'm not being told from above; I'm being explained to from within. So translation is still quite sensitive and I would say most of the translation that you see hearing people do is more on a broadcast hybrid end of planned translation.

Websites often have translations and I don't do that work because for me, politically, it's a Deaf job, so I always defer to my Deaf colleagues. We fought to make sure they can get qualifications and be recognized in that system. We have RI badges which recognizes we're

registered interpreters, and we'll have Deaf translators registered in that system as Registered Sign Language Translators, RSLTs. What's the point in having L1 trained, qualified Deaf translators if they don't get work? It's the easiest thing in the world for the phone to still not enable Deaf people to get work. I try to make sure that I put people in touch with my Deaf colleagues and I think they do a better job because they have a better understanding of how Deaf people read websites. Often, they are the people who can say "there's no point in you having the translation for the 25 pages that you have, because people won't watch it", or "will you make sure that you can play at times 1.5 speed, or times 2 speed, because there are Deaf people who will speed-watch", like we speed-read English. We scan the page until we get to the bit we're interested in and that's exactly what Deaf people do, if they have the opportunity. They'll scan through the information, until they get to the bit they want, and watch that at normal speed to get the information they need. We're in an interesting time where it's very easy to do things which are not thought through or seemingly meet a need but don't actually reflect upon the lived experience of Deaf people interacting with these technologies. I do some bits and pieces, but I always say the best thing about my PhD is that it taught me how to do it better, right?

Sutton-Spence: **What do you think your contributions have been to training in Sign Language Interpreting**

and Translation generally?

Stone: I first taught Interpreting at Bristol. Edith Norrman, who was the Interpreter Trainer at Bristol University, brought me in. Obviously, I did well as a student at Bristol, and I went to Uganda for a year with Gloria, and when I came back, was interpreting freelancing. Edith asked me if I could come in and do some lab work with some students. Her feeling was that she had interpreted for twenty-five years, and sometimes the students need something which is the next step along, rather than several steps along, because they don't necessarily have the wherewithal to deal with it. She also knew I was comfortable using academic terminology. Cynthia Roy's ideas were much more widespread by then, and Cecilia Wadensjö's and by the time I was teaching I had read that and I used it to teach Discourse Processes, Interpreting as Interaction, the myth of neutrality, Melanie Metzger. When I started at Bristol, I was able to pass on that same tradition: "Process the meaning. What does it mean?" I was able to demonstrate what translations meant. I think for some people it's useful that I'm not a CODA, and I didn't grow up in a Deaf family, because I'm always able to say: "I was taught, it shows that you can become fluent as a L2 user of BSL". It's just like everything, you need to put the effort in. But it debunks the myth that you can never be that fluent and you can only grow up with it. When I go to

lectures and people say “Only CODAS¹⁰ can be good Interpreters”, I say, “No, it just means your training isn’t good enough yet”. And that alone is a valuable contribution, to the conversations we have with the sign language interpreters. Sign Language Interpreters ask: “Oh, but you’re a CODA? No, I’m not a CODA. Oh, but you have somebody Deaf in your family? No. Oh. But you’re one of those people who started signing when you were really young? No, I was eighteen and I went to university”. Yes, I did mix with the community before I went to Interpreter training at Bristol University, but even so that’s different from what people expect. It shows that you can be trained. If you want to be fluent in a language, you have to mix with the community. So, that’s a useful role modeling.

I always like talking about Pragmatics. I think sometimes in interpreter/translation and interpreter training, we say silly things like “It needs to be more visual”. What the hell does that mean? Not much. Or, “it needs to be more deaf-friendly”. That also really doesn’t help anybody, because presumably the students weren’t motivated to not be deaf-friendly. They just don’t know that they’re not producing language in a way which is pragmatically appropriate in those moments. For me, doing my PhD, Relevance Theory, whether you agree with all the theoretical background, gave me really useful ways of thinking about what kinds of decisions we are making as interpreters. Sometimes it’s purely on a grammatical

¹⁰ Children Of Deaf Adults.

level. You have not uttered a grammatical sentence, so you need to do something to make that sentence grammatical. But more often than not, as we know in Sign Languages, there is some acceptance of flexibility, and the issue is less about grammatical accuracy, although with students who are learning that’s an issue, but often is more about usage. I think Relevance Theory generally helps us in terms of being able to talk about the types of decision that we’re making, some of which are constrained by the language we’re using and some of which are interpreter or translator choice. From my PhD work, I’m able to talk about the types of choices that Deaf translators and interpreters have made, so this is what we see community members doing and maybe we’ll be more comfortable with these choices. I think that’s been a valuable contribution. We move away from something which is much more lexically driven to thinking about situation. Debra Russell, for example, talks about discourse level processing and that’s also good on how do to do it, how to train somebody, how to get somebody the thinking tools to be able to do that. Also, stemming from my PhD, thinking about prosody, getting people to realize that the way they are packaging information is distorting what’s being said. First of all, you need to think about what you’re trying to communicate, and then actually communicate that. I tell students that questions don’t work the same in English and BSL, for example. So just because something is a “What?” question in English, doesn’t mean it has to be a

“What?” question in BSL. Often the way I think about it is: “What answer would you expect from this question? And then what question do you ask to get that answer in BSL?”. These aren’t on a surface realization, on a surface form, these aren’t the same questions. That doesn’t matter, that’s what we’re calling interpreting, or processing the meaning. Often “What?” questions will end up as “How?” questions, or “How?” questions end up as “Which?” questions. We don’t have to be constrained by the form but we do have to think, if we want somebody to give me this kind of answer, how I would ask that question. That’s a different way than I was trained, or that’s a different explanation than I was given when I was trained, but I think that’s often a useful way of thinking about it. With more academic colleagues, like Annelies Kusters and Maartje De Muelder¹¹ I’ve been thinking about language within the situation. For example, Deaf people point. And they show things with their language and they use depiction. I like Paul Dudis¹² framework of depiction. I think that’s also a useful way of us thinking about the types of enrichment decisions you can see in the target language. So, if you know that these questions will be asked in English, but how you would get a response in a typical Deaf-

11 Annelies Kusters is a Deaf Professor at Heriot-Watt University. She is the leader of the Deaf anthropology research team. Maartje De Muelder is a Deaf professor and senior researcher at University of Applied Sciences Utrecht.

12 Paul Dudis is a Deaf Assistant Professor at the Department of Linguistics at Gallaudet University.

Deaf interaction is just by pointing and furrowing your brow, and that gets you the answer that you want, then that’s the question you ask. I get students to really think about the fact that they are not a video interpreter if they’re physically present in that room, so what is the point in pretending they’re not there? They need to be much more interactive and say: “Oh, this thing... it’s that thing there”. If there’s a PowerPoint there, and it’s number 3, you can point at number 3. Presumably the people in the audience have some degree of fluency. You point at number 3 and assume that the audience can read it. Or point at number 3, give them time to read and then give them a sight translation of the point. That’s how Deaf people interact in situations. Although that’s something mentioned along the way, I don’t think enough focus is given to it in interpreting training. How do Deaf people normatively communicate and interact? I would say some of that has probably been influenced by Cynthia Roy. When I was working at Gallaudet University, people talked a lot about doing discourse level interpreter training, and I asked: “I know you do a discourse course in the first semester, and how is that embedded in the teaching?” And there was kind of a silence, but I think that if you show how hearing people talk to each other, for example with overlapping, turn-taking and all the other types of things that happen, we can look at how it happens in ASL. If we think how Deaf people talk to each other, what do we do as interpreters is no different. We’re still humans. Those are some

of the ways I think I've been able to do training of interpreters. Also, to open up the idea of what it means to provide interpreting for a minority community, from within the minority community or how that looks like, some of the identity politics stuff, some of the being human, because if you say you're an ally, you need to be human being. And that means that if you know categorically that the person in front of you doesn't understand something, you have a duty to say "I think my interpretation is clear, but it looks to me from the back-channels I'm getting that this person does not understand what you're saying".

Sutton-Spence: **What is your perception of differences between Deaf and hearing interpreters and translators in the UK and the States?**

Stone: They are very different situations in America and the UK. I would say Interpreter Training is different. I may be slightly biased, but I think we are trained better in the UK. I think some of that is because of the expectations the Deaf community has of what the interpreters will do. Deaf people expect that interpreters will sign like Deaf people in the UK. People don't want to work that hard, thinking "you need to give me something in my language". That's it. I was at Gallaudet, in the Washington DC bubble, so that does not represent all of the community, but I think there is a power struggle in America, which I'm not saying is not present in the UK,

about how we want you to interpret. "I want you tell me what they're saying". That is the baseline. That means there are Deaf people who will say "I don't understand that interpreter". An interpreter in America is doing what lots of people want them to do. They're not necessarily doing something which is deep in the Deaf club sign language. There is much more expectation in the UK, in all of our training, to "put the effort in!", and that's slightly different. It creates different spaces for Deaf interpreters anyway. There are Deaf people who don't understand hearing interpreters, and we need to bring in interpreters who do intralingual work, who go from ASL which maybe suits a Deaf professional to ASL for the needs of somebody who lacks the linguistic capital and cultural capital to deal with hearing communities and the hearing processes and the hearing world. Obviously, it's constrained by finances but where there's lots of money and you can have a Deaf interpreter, then people may bring in interpreters because they think: "Why not? Why can't I have two bites of the cherry? Oh, that's what he was talking about. OK, that's given me some space to think". In the UK, and again it's monetary driven in some ways, Deaf people have been interested in the media, for a long time.

We had the London Deaf video access project and *Deaf Owl*¹³, a lot of Deaf people were trained in the north to do work in media or in broadcasting. And we've had a variety of programs, most recently and

¹³ An all-deaf television production company.

most long-standing “See Hear”, which has meant having Deaf people on the screen, often working from English autocues, teleprompters, so Deaf people were comfortable working with English in that milieu. We also had a tradition of Deaf people who worked in mental health and counselling, so they possibly worked as Deaf interpreters in that field. A lot of hidden interpreting happens: “We’ll employ you as a teaching assistant, but really you will probably be a Deaf interpreter in the school because the Deaf children won’t understand the hearing teacher”. America has also had that to some extent.

So, the UK has the qualification system, where Deaf people basically do what we would possibly call “relay interpreting” or intralingual interpreting, language modification work, or intermediary work. In the UK, often that’s been done as an additional job. Deaf people who have been working in the health system have done that. Deaf people who are qualified as counselors have also done that. Deaf people who work in the media have also done translation for websites, or for other things. So, the kind of professions emerged differently. Also, I remember, I was president of our National interpreting Association, ASLI¹⁴ just as I was finishing my PhD. One of the political goals of using critical ethnography is to support the community in achieving their goals. I was invited to be on the committee that looked into Deaf interpreters and translators formally being accepted

14 Association of Sign Language Interpreters.

in the system. There were discussions that happened, having closed groups or Deaf interpreters which were reported to me later where people said, “if you can’t read English, you can’t be an interpreter or a translator”. “Our English doesn’t have to be the same as hearing people’s, because, by God, their sign language isn’t the same as ours”. But, how can you read preparation if you can’t read English? And there was a consensus that if you’re going to be a specialist interpreter or a translator, obviously, even an interpreter who will be doing language modification work, you still need to be able to read the prep. That is different I think from the States. But also, unfortunately, I would say, one of the other experts they brought in, who wasn’t really a sign language specialist, took the position that, “if you’re reading, that’s the same as hearing. If you’re reading English text, that’s translation not interpreting, which is why we then have that separate category”. And interpretation from that organization was also that. An interpreter was somebody who worked from one language to another language. So that’s why our interpreters are people who work between two sign languages. We still have this gap where professionals are doing intralanguage work, but we don’t have formal qualification for that.

Whereas in the States, if someone is a DI¹⁵, a qualified Deaf Interpreter, then the chances are they do language modification work. Someone feeds, and from that feed,

15 Deaf Interpreter.

they do the magic. I would say they are different, that creates different dynamics. In some ways, we still need that and Americans have it. Also, the reason we have interpreting on television is because sign language users campaigned for captioning and for signing on television. Then when the hard of hearing community joined them, much larger in numbers of course, Deaf people in Britain still said, "we want to have Sign Language on the telly". And the hard of hearing said: "yes, sure". We have more or less 100% subtitling and captioning, and 5% of programs with interpreting on. In America, they fought for captions, subtitling, which creates a different political space. So now, of course, they look at the UK and think: "We missed a trick, there". But equally, the UK has missed a trick in not having a category for intralingual interpreting because that's still needed. Deaf blind interpreting is also what Deaf interpreters do. However one of the biggest things which seems to be similar in the UK and in America, and all over the world as far as I can tell, and it saddens me to say, is that some of my hearing colleagues don't seem to get that if they want Deaf people in a profession which they all, at least superficially, say they want, that means professional spaces which are our professional conferences have to be in Sign Language. No Deaf person is going to go to a Conference and have people just talking in front of them. What crazy world is that? Yes, you are socializing, but you are within a professional space. If that profession wants to include

Deaf people, there is only one language which we all perceive. Maybe this is because I was in Bristol, or maybe because I'm old fashioned, but it's rude to *talk* in front of Deaf people. And if you're somebody fluent in the Sign Language, it's even ruder, it's a cardinal sin, in terms of dynamics of Deaf and hearing professionals. When I was in Brazil at the TILSP Conference, it seemed like it just doesn't seem to be an issue there. Well, probably a little bit, I suspect, but in America, we are starting to see break-away Deaf ASL Interpreters Organizations because they don't want to go to a Conference where people who they respect, and who they expect to respect them back, literally *talk*. If you're an ally, don't do that! That is the next big challenge for Interpreting. In Europe, Deaf interpreters tend to be multilingual. Hearing British interpreters, tend to be only bilingual. That's a bit embarrassing. I know Deaf interpreters in Europe who know five languages. They were taught their own Sign Language, their own National Language that they can read and write, plus English because that's a given, probably some ASL and International Signing. So, in terms of this value of the professionals, the Deaf interpreters bring more to the game. When we had guests for the ASLI Conference when I was the Chair, I was the first Chair to conduct the whole business meeting in Sign Language because I was the first Chair to have Deaf Interpreters working. They worked from the autocue straight to British Sign Language, and two hearing colleagues working into

Spoken English. And, of course, they supported each other. I'd invited a colleague from America, a colleague from Ireland, and a colleague was there from Argentina. One of the colleagues from America signed in ASL, one Deaf interpreter went from English to BSL, ASL to BSL, Irish Sign Language to BSL, International Signs to BSL. That is value for money! How many interpreters would you have to bring in, instead of this one person? So, when people say: "Deaf interpreters are expensive", it depends on what you're talking about, doesn't it? Having people who know only two languages can also be expensive in some contexts. Deaf and hearing interpreting, it's different, it's interesting. In the UK, and I think in the US as well, there's still some sense of: "I can do that", but it doesn't mean I should do it. I mean, I can punch myself in the face, but I'm not going to do that, am I? Deaf interpreters don't want to steal hearing interpreters' work, but there is work which is really a Deaf job.

In terms of thinking about what the next steps are, turn to the Deaf-hearing dynamic. I think hearing interpreters need to be far less sensitive about it. People want you. There are some things you do that are certain, but, honestly, the subtle language prosodics that native sign language users make on the screen look better. They are less of an eyesore. They make sophisticated decisions. They're also the people who read websites and watch BSL, so they understand what that practice is. Which you don't. When they're watching television,

they understand what it is to watch an interpreter and still catch some of the subtitles and watch what is on the screen. So, they're sensitive to that viewing environment, and most of us don't do that. I try to do that regularly, to have the sound off and just watch how it works. You know, you have to do that.

PONTO CENTRAL:
A PROFISSÃO DE TRADUTOR E INTÉRPRETE DE
LÍNGUA DE SINAIS

Sutton-Spence: **Em algum momento você duvidou que se tornaria um intérprete?**

Stone: A princípio eu não queria ser intérprete. Fiz o curso de interpretação em Bristol, porque teria uma melhor exposição à língua de sinais. A partir da minha experiência em Exeter, ficou claro que, se quisesse trabalhar com pessoas Surdas, precisava ser fluente em língua de sinais. Então, ao contrastar as opções disponíveis em Bristol — sete disciplinas de língua de sinais no curso de Interpretação, em oposição às quatro disciplinas no curso de Estudos Surdos —, a graduação em Interpretação parecia ser o caminho a seguir. Me apaixonei pela Interpretação e foi só quando eu estava fazendo o segundo ano do curso que eu me dei conta de que não era ruim nisso. É algo muito gratificante quando, aos 22 anos, você descobre que não é ruim em algo.

Eu gosto do desafio acadêmico de tentar trabalhar em algo que alguém está dizendo e, então, oferecê-lo em outra língua. Esse estímulo mental não me entedia. Acho que os intérpretes precisam ter um pouco disso para continuarem fazendo o seu trabalho. Alguém diz

uma frase engraçada ou se exprime de modo particular e você pensa: “Ah, como eu vou passar a essência disso para a outra língua?”. E, provavelmente, pelo fato de eu ter crescido como gay, tenho um forte senso de injustiça social; estar lá para observar a vida das pessoas e tentar proporcionar igualdade, pelo menos naqueles momentos, foi um fator determinante. Imagino que todos esses fatores se juntaram e estar em Uganda com a Gloria provavelmente consolidou a ideia de “eu gosto disso, acho que posso contribuir com o mundo ao continuar fazendo isso”. E me sinto bem comigo mesmo. O que há de errado nisso?

Sutton-Spence: **Existe algum momento que se destaca para você, algo que durante sua carreira como intérprete de língua de sinais, e não como formador ou pesquisador, você pensou: “Este é um momento de interpretação muito importante na minha vida”?**

Stone: Posso imaginar vários momentos. Alguns deles de *alta visibilidade*, seja lá o que isso quer dizer. Na Uganda, lembro que foi um trabalho fascinante como intérprete comunitário tendo as pessoas batendo na minha porta. Lembro-me de um momento em que bateram na porta no meio da noite e um rapaz Surdo e o irmão dele me chamaram. O irmão ouvinte divulgou informações sobre uma morte que tinha acontecido. E me lembro de ter pensado: “Meu Deus, isso é realmente

sério”, mas pedido ao grupo: “Vocês podem vir até a cozinha?”, enquanto eu pensava: “Acabaram de me falar isso e não sei o que fazer com essa informação”. Entretanto, eu tive que lidar com aquilo. O homem tinha duas filhas, gêmeas, e lembro que estávamos levando-as para o hospital e eu interpretando para eles no hospital. Uma delas estava bem e a outra, morrendo, e eu interpretando o batismo de uma e o funeral de outra. Foi um momento impactante no sentido de permitir que as pessoas vivessem suas vidas, com as alegrias e as dores de tudo isso. Só que, em um nível muito pessoal, foi extraordinário. E há outros momentos, por exemplo, quando interpretei na *Trafalgar Square*, para as Marchas da Língua de Sinais Britânica¹. Um intérprete não apareceu e me perguntaram: “Você pode interpretar?”. Lembro de falar no microfone, de a minha fala ser usada no *See Hear*, posteriormente, e de eu pensar: “Isso é muito bom, estou muito satisfeito com isso”.

Eu também interpretei para uma Surda de grande destaque nos Sindicatos no Reino Unido. E, em vários momentos, ela esteve em conferências e eu era o intérprete, era a voz dela ao presidir conferências. Houve uma conferência com cinco mil pessoas e uma sinalizante Surda estava lá com um intérprete ao lado. E

¹ Trafalgar Square é uma praça pública no centro de Londres que celebra a Batalha de Trafalgar, uma vitória da Marinha Real Britânica nas Guerras Napoleônicas. É um lugar usado como ponto de encontro para comícios e protestos. As Marchas pela BSL foram parte de uma campanha nacional pelo reconhecimento dessa língua, que culminaram em seu reconhecimento pelo governo em 2003.

eu era a voz da conferência. Novamente, trata-se apenas de permitir que pessoas Surdas sejam bem sucedidas na sociedade. Uma infinidade de coisas. Um dos meus acontecimentos preferidos foi, antes de começar o Doutorado, quando recebi uma bolsa de estudos para ir para a Finlândia por alguns meses. Eu conheci Liisa Kauppinen², a conheço há muitos anos. Muitos anos depois, fui um dos intérpretes que trabalhou com ela quando ela recebeu o prêmio de Direitos Humanos na ONU. Foi muito bom estar lá por ela. Eu perguntei: “Você quer que eu use um pouco de língua de sinais finlandesa, ao invés da Internacional?”. E ela respondeu: “Para ser sincera, seria incrível”. Então, foi muito legal poder retribuir. Isso significou muito para mim, poder fazer algo por ela naquele momento, já que ela fez tanto para o mundo dos Surdos de forma global.

Sutton-Spence: **Obrigada. Agora, um novo tópico: Quais são suas línguas de trabalho? A, B e C?**

Stone: Eu diria que minhas línguas A são o inglês e a Língua de Sinais Britânica. Minha língua B é a ASL e as línguas C são, provavelmente, o Francês e a Língua de Sinais Irlandesa. Provavelmente, teria o Sistema de Sinais Internacionais como língua B, mas não diria que esse sistema é uma língua. Posso me comunicar na Língua de Sinais Finlandesa e sei, superficialmente, Língua de Sinais Ugandense e um pouco de alemão.

² Surda finlandesa, ex-presidente da Federação Mundial de Surdos (WFD) que recebeu, em 2013, o prêmio de Direitos Humanos da ONU.

Sutton-Spence: **Retrocedendo brevemente ao seu histórico de formação, pergunto: você recomendaria sua trajetória a alguém que estivesse tentando aprender hoje? Você acha que é possível? Você mudaria algo nessa trajetória?**

Stone: Eu tive sorte, sabia? Sorte é estar preparado para aproveitar as oportunidades que lhe são apresentadas. Penso que, para mim, os quatro anos antes de ir para Bristol foram importantes. O tempo em que eu estive na Universidade de Bristol foi uma época de ouro e foi a melhor formação em interpretação do mundo, eu diria. Quando falo para as pessoas sobre a exposição acadêmica que tivemos à língua, à psicologia e à interpretação, os colegas Surdos e ouvintes que tínhamos e tudo que aconteceu em Bristol, elas ficam surpresas. Eu não planejei tudo isso, mas aconteceu de eu estar perto de Exeter e meio que entrei nisso. Para mim, a ideia de ter algum conhecimento teórico e aplicá-lo à prática faz sentido. Interpretar é pensar em ação. Você precisa entender o que está fazendo. Você precisa ter as ferramentas para entender o que está fazendo para melhorar e precisa ter bons modelos, Surdos e ouvintes. E Surdos que não estejam apenas ensinando língua de sinais, mas também outras coisas. Você precisa se envolver no momento de exposição, no qual você está imerso, e aprender através da língua de sinais. É isso que as pessoas Surdas fazem. E foi assim que tive a experiência em francês. Isso, para mim, faz

sentido, é assim que se faz. E não mudaria nada, mas se é ou não possível agora, vai depender de onde você mora. Eu diria que, provavelmente, na Europa Ocidental há uma menor possibilidade, mas em outras partes do mundo é mais viável.

Penso que grandes modelos de Formação de Intérpretes emergem no Brasil, por exemplo. O Brasil é um verdadeiro espaço de acesso a essas coisas. Então, sim, é possível. Você precisa ter algum tipo de experiência imersiva em Língua de Sinais, pois precisa superar a fase de ter a língua falada na sua cabeça e se afastar do *code switching* [i.e., alternância de códigos]. Faz-se necessário ter algum tipo de experiência de aprendizagem imersiva, para que seja possível começar a pensar nessa língua. Você precisa ser exposto à língua. A Associação de Surdos de Bristol ainda era muito ativa quando eramos estudantes. E também precisa ter experiências com as Comunidades para além de um ambiente acadêmico. E muito bons exemplos de práticas profissionais, tanto de Surdos quanto de ouvintes. Para nós, a prática com Surdos aconteceu incidentalmente. Edith Norrman³ nos ensinou a interpretar, mas também aprendemos muito sobre as práticas Surdas com ela, devido à sua herança como alguém que cresceu em uma família de Surdos. E eu sempre disse: “na verdade, você é uma pessoa Surda que por acaso fala

³ Intérprete de inglês-BSL amplamente respeitada que ensinou interpretação para estudantes do Centro de Estudos para Surdos da Universidade de Bristol antes de se formar como advogada na área de Direito Penal, especializando-se no trabalho com Surdos. Ela cresceu em uma família de Surdos.

inglês”, já que, às vezes, quando ela dizia coisas em inglês, eu pensava que: “se isso fosse em língua de sinais, ficaria ótimo”. Ela tem um cérebro Surdo. Além disso, nós também vimos Linda Day, Lorna Allsop e Clark Denmark⁴ trabalharem como intérpretes quando tínhamos visitantes, então a exposição era completa. Em lugares onde existem as associações de Surdos, ainda acontecem muitos Festivais Surdos, e, portanto, há muito voluntariado. Em *Wolverhampton*, onde estou, ainda temos seis associações de Surdos próximas, nas quais os alunos podem ir. Nas *Midlands Ocidentais*, podem ir para *Birmingham, Wolverhampton, Walsall, Cannock, Shrewsbury* e conhecer diferentes tipos de pessoas Surdas, além de viver esses momentos das Comunidades.

Se você quer interpretar para as pessoas, você tem que entender qual é a experiência delas. E isso se dá por meio da língua, usando a língua e vendo o modo como as pessoas interagem. Eu tive uma ótima experiência e não mudaria isso por nada nesse mundo. Acredito que, no século XXI, o lugar para a formação de intérpretes é em universidades, pois as expectativas profissionais para com os intérpretes em situações diferentes requerem um tipo de formação especializada na pós-graduação. Esse tipo de reflexão sobre o que você está fazendo, sua análise e a compreensão da dinâmica são ferramentas realmente úteis para a avaliação ao longo da carreira.

⁴ Professores Surdos do Centro de Estudos para Surdos da Universidade de Bristol, todos de famílias Surdas.

Sutton-Spence: **Qual é a sua qualificação formal em Interpretação?**

Stone: Tenho minha formação inicial em Interpretação, ou seja, um diploma de pós-graduação em Interpretação (Estudos Surdos). Essa foi a formação feita em Bristol.

Sutton-Spence: **Você tem o CACDP⁵ nível 3 dos velhos tempos?**

Stone: Meu Deus, sim. Eu tenho CACDP nível 1, estágio 1. Como fiz o curso em Bristol, não teria que fazer o estágio 2, mas fiz o estágio 2 no final do meu primeiro ano e passei, com Distinção em Conversação. Quem diria? Tenho o diploma de Bristol em Interpretação e fiz a avaliação formal para o CACDP. E no que se refere à ASL, tenho o NIC⁶, pela Universidade de Gallaudet, e, portanto, sou um Intérprete de ASL certificado e mantenho minha certificação RID⁷. Além disso, tenho dado continuidade ao meu desenvolvimento profissional. Sou credenciado pela WFD⁸ e pela WASLI⁹ como Intérprete de Sinais Internacionais-Ingês. Acho que fui dispensado da avaliação, pois fui avaliado através de portfólio. Entretanto, hoje em dia há uma avaliação mesmo.

⁵ CACDP – *Council for the Advancement of Communication with Deaf People*. Qualificação em língua de sinais para comunicação com Surdos, nível 3.

⁶ Certificação Nacional para Intérpretes.

⁷ Registro de Intérpretes para Surdos. <https://rid.org/>

⁸ Federação Mundial de Surdos. <http://wfdeaf.org/>

⁹ Associação Mundial de Intérpretes de Língua de Sinais. <https://wasli.org/>

Sutton-Spence: **Você foi dispensado da avaliação?**

Stone: Isso mesmo. Eu pedi a algumas pessoas para fornecer documentos comprobatórios e cartas de aprovação. Então fui uma das primeiras pessoas da lista. Também sou membro ativo da AICC, *Association Internationale des Interprètes de Conférence* (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência). Isso para línguas orais. Inglês, BSL e ASL são as minhas línguas de trabalho nessa Associação.

Sutton-Spence: **Gostaríamos de saber mais sobre a sua experiência como tradutor, em oposição à sua experiência como intérprete.**

Stone: Costumo atribuir o trabalho de tradução aos meus colegas Surdos. Quer dizer, se falamos em traduzir de texto escrito para a língua de sinais. Na verdade, estamos nos referindo basicamente a um trabalho Surdo. Eu diria que essa é a política no Reino Unido. De modo geral, traduzir para a sua L1 é algo muito comum no mercado. No que diz respeito ao trabalho na televisão, onde as coisas são pré-gravadas, eu diria que, provavelmente, ocorre uma forma híbrida. Suponho que essa noção também tenha surgido do trabalho que desenvolvi no meu doutorado. De qualquer forma, seria interessante explorar isso com um pouco mais de profundidade. Nós recém começamos a ter Surdos interpretando, traduzindo o Noticiário Nacional. No

passado, era apenas o Noticiário Regional, e agora há um leque de oportunidades. Vou começar a realizar algumas entrevistas com Surdos que estão fazendo o Noticiário Nacional, alguns dos quais já faziam o Noticiário Regional, apenas para descobrir quais as suas diferenças. Sobre esse tipo de forma híbrida de tradução apresentada, a maior parte do trabalho que fiz para língua de sinais foi na televisão. De forma geral, isso acontece porque o tipo de modelo econômico combina com o trabalho que realizamos para o principal provedor de notícias da BBC. Tudo que tenha roteiros para que os Surdos possam ter acesso ao *autocue* e ler no *autocue* é feito por tradutores Surdos. Eles assistem ao programa com o roteiro do *autocue* e podem ajustá-lo se quiserem, mas normalmente assistem ao programa uma vez, presumindo que ainda não viram o programa, e então apresentam as traduções. Provavelmente, algo que todos nós fazemos é praticar na frente da tela, realizando algumas das coisas que identifiquei na minha pesquisa de doutorado. Normalmente, em traduções extensas, nossos colegas veriam todo o material e, em seguida, conseguiriam orientar algumas das decisões tomadas no início do texto. Eles já são influenciados pelo fato de saberem quais são as características do texto como um todo. Isso acontece com qualquer coisa, desde uma carta até algo muito mais extenso. No caso da tradução literária dos nossos colegas de língua escrita, há uma noção do encadeamento da história, o que permite garantir que as escolhas estejam em

concordância com as coisas que vêm depois. Assim, eu diria que esse elemento da tradução está presente na maior parte do trabalho televisivo. Até mesmo as Notícias da BBC, que são interpretadas ao vivo, estão dentro do contexto de um bloco de notícias de quinze minutos. Então chegamos ao estúdio às seis horas da manhã e entramos ao vivo na frente da câmera às quinze para as sete, sendo possível ver as três versões dessas notícias. Eu também tenho o Aplicativo de Notícias da BBC. Assim leio todas as histórias que serão veiculadas naquele dia durante meu deslocamento. Vejo quais serão as manchetes, o que eles mostrarão e, assim, consigo fazer uma suposição do que a BBC pensa que é uma história engraçada ou uma história séria ou mesmo uma história regional que eles querem destacar dentro do programa. No momento em que chegamos lá, às seis horas, podemos ver o que eles decidiram. Enquanto assistimos ao programa, podemos usar o computador, checar as informações no *Google Maps* para confirmar as cidades que estão em países com os quais nem sempre temos tanta familiaridade, praticar a datilologia para que seja feita com fluidez e ver as informações visuais que eles estão apresentando ao lado, para que fique garantido que esteja isomórfico com relação à tela e para que apontemos para os lugares certos. Geralmente, na *BBC News* tem-se um noticiário sobre Londres que dura três minutos. Da forma como eles o transmitem, você assiste a transmissão digital das notícias. Assim onde quer que

você esteja no país, você só consegue ver o Noticiário de Londres, já que não há acesso a uma versão regional das notícias. É esse noticiário de Londres que recebe interpretação. Quando eles dizem: “Agora vamos para as notícias de onde você está”, isso significa que, se você estiver assistindo este programa, então não tem sentido dizer: “onde quer que você esteja” porque isso não fará sentido para o espectador. Se eles apresentam um pequeno mapa na tela e dizem: “tudo que aconteceu em Birmingham”, sabe que eles vão mostrar o mapa e você pode apontar. Você conhece o público e pode fazer escolhas como o que você vai ou não fazer em datilologia, sabendo que algumas pessoas têm dificuldade de entender a datilologia em uma tela bidimensional. Com a datilologia, podem aparecer palavras que as pessoas não estão acostumadas a ver em sua forma escrita e nem sempre há tempo para destacá-las. Então você pode fazer o clássico: “Agora vou olhar para os meus dedos, porque isso não é o que o público está acostumado a ver e entender”. E, se é uma palavra em outra língua que não o inglês, a disseminação dessa palavra em datilologia não necessariamente vai ser padronizada. Porque com as contrações que temos, o efeito de frequência molda o modo com que você faz a datilologia em inglês. Entretanto, quando é algo que não está em inglês, você faz mais orientado pelas letras do que pelos padrões. É possível começar a pensar sobre essas escolhas, antes de entrar em cena, considerando especificamente a

informação a que você tem acesso.

Com o auxílio da tecnologia, na interpretação de línguas faladas, os colegas às vezes gravam o que a pessoa diz ao invés de tomar notas. Eles registram e, em seguida, escutam novamente o que foi dito para, então, interpretar. Chamam isso de “interpretação simultânea consecutiva”. Penso que, provavelmente, o que fazemos nos Noticiários é mais uma Tradução Consecutiva Apresentada, dependendo da sua abordagem. A maioria das informações que você está interpretando é informação a que teve acesso antes e pelo menos sabe o seu formato. Pelo fato de a língua de sinais ser uma língua não escrita, ao menos no Reino Unido e na maior parte do mundo, e por se tratar de transmissão ao vivo, não tem como rever o produto e editá-lo. No Reino Unido, a maioria das traduções que vemos são traduções em que, devido ao tempo e à economia envolvidos, as pessoas se preparam muito e fazem como se fosse ao vivo para a câmera. Raramente elas terão uma segunda chance, dependendo da extensão do que estão traduzindo, mas é menos provável que encontremos qualquer tipo de edição. Por um tempo, participei do trabalho de tradução de guias de museu e, mesmo não estando na frente da câmera, estava envolvido em todo o processo. Nós tínhamos discussões na equipe, alguém monitoraria e avisaria caso precisássemos fazer algo novamente, mesmo que, obviamente, tudo isso demandasse tempo. Muitos imaginam que essa é uma atividade

sem pressão de tempo, que não é limitada pelo tempo assim como a interpretação, em que não se sabe o que virá a seguir. Na tradução, você sabe para onde está indo, mas, ainda assim, o tempo exerce pressão. Com a tecnologia assistida por computador, concordâncias e *softwares* de tradução, pode-se aumentar o número de palavras por dia, então, se você está traduzindo no contexto do Reino Unido, onde te pagam por uma tradução em BSL, você tem que ser competitivo. Não é como se você recebesse um pequeno texto para traduzir e tivesse semanas para fazê-lo. É possível que seus clientes digam: “pode nos enviar até o final do dia?”. Você pode receber o trabalho por fax, ler, fazer uma tradução à prima vista, observar a si mesmo, certificar-se de que faz sentido e depois enviar. E é isso. Você não tem muito tempo para reconsiderar tudo, mas conhece o todo e deve saber também como adequá-lo ao público. Para guias de museus, o processo de revisão faz parte do padrão e é preciso fazer um bom trabalho. Por isso, é necessário rever o que foi feito. Também podemos pensar em como fazer a edição. Se você está fazendo uma versão infantil, haverá fantasias ou imagens relacionadas ao que está falando no produto final? Logo, você pode dizer: “Essa coisa *aqui*, é chamada *assim*”. Lembre-se que, mesmo sinalizando, a maioria das pessoas Surdas sabem ler, ainda que nem todos sejam leitores fluentes de inglês. Eles vão ler as palavras e vão querer saber o que significam. Então, se você está fazendo um guia de museu, você também

pode pensar em onde colocar as legendas. E se torna um trabalho muito mais multimídia e multilíngue. Não é que as pessoas não entendam língua de sinais, mas é que elas podem querer saber qual é o termo para que, da próxima vez em que forem a um museu que não tenha um guia em BSL e virem a palavra descrevendo uma obra de arte, pensem: “Ah, eu sei o que é!”.

Lembro de fazer uma matéria para a BBC 4, um canal de TV digital voltado a um público um pouco mais erudito. Verdade seja dita, as pessoas que você imagina que assistirão esse programa são aquelas com formação universitária. E pode ser um programa de história sobre a Grécia Antiga ou sobre arte. Nunca vou me esquecer da vez em que interpretei um programa sobre Aníbal levando elefantes pelos Alpes. Eu tenho muito interesse nesse período da História, então eu sei muita coisa sobre isso, mas eu estava aprendendo coisas novas e aprendendo como soletrá-las. Enquanto eu estava traduzindo, em um dado momento pensei: “Ninguém vai ver isso. Provavelmente, todas as pessoas que vão assistir a esse programa serão as pessoas que também entendem as legendas”.

Cerca de uma semana depois de transmitido, segui para Bristol para encontrar algumas pessoas e fui para a Associação de Surdos de Bristol, onde encontrei com gente que sei que não teve acesso à educação, que abandonou a escola, provavelmente, quando tinha quinze anos, possivelmente abandonou antes de fazer os exames e são Surdos da “classe trabalhadora”. E

eles disseram: “Foi um programa muito interessante aquele que você interpretou sobre... Ah, eu não sabia disso”. Aquilo realmente me surpreendeu. No que diz respeito ao gênero, quando pensamos sobre o que um gênero significa dentro de uma dada cultura, para um determinado público, ele pode não ter o mesmo significado para outro público. Há uma expectativa dos Surdos de que, se você estiver interpretando em um guia de museu, ou neste tipo de programas informativos ou educativos, “se você estiver usando BSL, eu vou te entender. Talvez não entenda algumas das coisas ditas, porque eu não sei sobre o assunto, mas a BSL não será um problema. E o programa deve me trazer informação. E não é como se tivesse tido acesso a essa informação na escola”. Entendo que, em termos de gênero, o trabalho é diferente. Mesmo quando se trata de guias de museu, você sabe que as pessoas que estão assistindo podem estar tendo seu primeiro contato com história da arte ou com alguma informação histórica. Ainda que haja a pressão de tempo, você quer ter certeza de que se esforçou para que tudo faça sentido. Para a tradução de guias de áudio de museus, muitas vezes, você pode dialogar com essas organizações sobre como eles querem que seja o trabalho final, se querem uma versão para adultos, uma versão infantil, se querem que você faça a sobreposição. Se pensam nas pessoas com deficiência auditiva, apresentar o roteiro do guia de áudio vai ser o suficiente, o que significa que podemos atender a

um público diferente. Podemos incluir legendas e é importante ter a possibilidade de ligá-las ou desabilitá-las. Ou pode acontecer de você querer fazer *astons* — um *aston* é o que chamam de um pequeno condutor na tela. É interessante em termos de tradução. Temos algumas coisas para o governo local, o que chamamos de conselhos locais. Se um falante de BSL pedir uma tradução de uma carta em BSL, uma tradução da carta será feita. Eu acho que é muito difícil julgar. É uma Comunidade pequena e, tradicionalmente, sabemos, a partir de alguns dos meus trabalhos, que isso, provavelmente, é o que um escritor fantasma faria. Uma pessoa Surda que recebe uma carta e que vai até um amigo Surdo que é um leitor de inglês mais fluente ou que vai à Associação de Surdos, onde conhecem as pessoas bilíngues, e pede para que leiam a carta para ele.

Vamos transpor isso para o âmbito da tradução. É nesse sentido que precisamos ter sensatez para garantir que os Surdos, ou um olhar Surdo, está sendo considerado. Provavelmente, poucos ouvintes têm esse repertório cultural para poder fazer uma tradução que se assemelhe a de um Surdo. Se um dos membros da minha Comunidade está me dizendo o que tem nessa carta, isso muda o equilíbrio de poder sobre como posso responder a esta carta. Eu não estou sendo informado “desde cima”; a informação está vindo de dentro da minha Comunidade. Então, na tradução ainda é preciso ter sensatez e eu diria que, a maior parte dos

trabalhos de tradução feitos por ouvintes é mais para ser veiculado num tipo de transmissão híbrida de uma tradução planejada.

Muitos *Websites* são traduzidos e eu não faço esse tipo de trabalho porque, para mim, politicamente, é um trabalho para o Surdo. Sempre o delego aos meus colegas Surdos. Nós lutamos para garantir que eles pudessem obter qualificações e serem reconhecidos nesse sistema. Temos credenciais que reconhecem que somos registrados como intérpretes (RI) e teremos os tradutores Surdos registrados nesse sistema como tradutores de línguas de sinais (RSLT)¹⁰. Qual é o sentido de ter tradutores Surdos qualificados e treinados em sua L1 se eles não conseguem trabalhar? Tento garantir que as pessoas entrem em contato com os meus colegas Surdos e creio que fazem um trabalho de maior qualidade, pois têm uma melhor compreensão sobre como as pessoas Surdas leem os *websites*. Muitas vezes, são essas pessoas que podem dizer que “não faz sentido você traduzir essas 25 páginas aí, pois as pessoas não a assistem” ou “você garante que é possível manter uma velocidade 1,5x ou 2x, porque alguns Surdos estarão atentos”, assim como temos a nossa velocidade de leitura em inglês. Escaneamos a página até chegarmos à parte que nos interessa e é exatamente o que as pessoas Surdas fazem, se tiverem oportunidade. Eles vão escanear as informações até

¹⁰ *Registered Sign Language Translators*, Tradutores de Línguas de Sinais Registrados.

chegarem à parte que querem e, então, assistirão na velocidade normal para ter acesso à informação que necessitam. Estamos em um momento interessante, em que é muito fácil fazer coisas sem refletir ou satisfazer a uma necessidade considerando a experiência de vida dos Surdos que interagem com essas tecnologias. Eu faço uma parte, mas sempre digo que a melhor coisa do meu doutorado é que me ensinou como me tornar melhor.

Sutton-Spence: **Na sua opinião, quais foram as suas contribuições para a formação em Tradução e Interpretação em Língua de Sinais?**

Stone: Ensinei interpretação, primeiro em Bristol. Edith Norrman, que era a professora de Interpretação na Universidade de Bristol, me convidou. Me saí bem como estudante em Bristol e fui para Uganda por um ano com a Gloria. Quando voltei, trabalhei como intérprete *freelancer*. Edith me perguntou se eu poderia fazer alguns trabalhos de laboratório com alguns alunos. O que ela considerava era que eu interpretei por vinte e cinco anos e que, às vezes, o que os estudantes precisam é ver qual é o próximo passo, e não vários passos adiante, já que eles nem sempre possuem os meios para lidar com isso. Ela também sabia que eu me sentia muito confortável usando a terminologia acadêmica. Os estudos da Cynthia Roy eram muito mais difundidos naquela época, assim como os estudos

da Cecilia Wadensjö e, quando eu ensinava, usava essas autoras que tinha lido para abordar Processos Discursivos, Interpretação como Interação e o mito da neutralidade, de Melanie Metzger. Quando comecei em Bristol, acho que consegui passar adiante a mesma tradição: “Processar o significado. O que isso quer dizer?”. Pude demonstrar o que as traduções queriam dizer. Acredito que para algumas pessoas é muito bom que eu não seja CODA e que não tenha crescido em uma família de Surdos, pois sempre posso dizer: “Eu fui ensinado e isso mostra que você pode se tornar fluente como um falante de BSL como L2”. É como em tudo, você só precisa se esforçar. Isso desmascara o mito de que você não poderá ser tão fluente, a não ser que cresça com isso. Quando vou a palestras e as pessoas dizem: “Só CODAS¹¹ podem ser bons intérpretes”, eu respondo: “Isso só significa que sua formação ainda não é o bastante”. E somente isso já é uma contribuição válida para as discussões que temos com os intérpretes de língua de sinais. Porque aí as pessoas perguntam: “— Ah, mas você é CODA? — Não, eu não sou CODA. — Ah, mas você tem alguém Surdo na sua família? — Não. — Ah, mas você é uma daquelas pessoas que começaram a sinalizar quando era bem jovem? — Não, eu tinha dezoito anos e foi na universidade”. Sim, claro, me envolvi na Comunidade antes de ir para a formação de intérpretes na Universidade de Bristol. Mesmo assim é diferente do que as pessoas esperam. Isso mostra

¹¹ *Children Of Deaf Adults* – Filhos de Pais Surdos

que você pode, sim, passar por uma formação. Se quer ser fluente em uma língua, tem que se envolver com a Comunidade. Esse é um modelo útil.

Sempre gosto de falar sobre Pragmática. Penso que às vezes, durante a formação de tradutores e intérpretes, nós dizemos coisas bobas como: “Ah, precisa ser mais visual”; mas que diabos isso quer dizer? Não nos diz muito, não é? Ou então dizemos: “precisa ser mais próximo do Surdo”. Isso também não ajuda ninguém, porque presumimos que os alunos nunca foram motivados a trabalharem “distantes” dos Surdos. Eles simplesmente não sabem que não estão produzindo a língua de uma forma pragmaticamente apropriada para aquelas situações. Para mim, fazer o doutorado e estudar a Teoria da Relevância, independentemente de concordar ou não com esse referencial teórico, me proporcionou estratégias realmente úteis para pensar nos tipos de escolhas que fazemos como intérpretes. Às vezes, acontecem apenas em um nível puramente gramatical. Você não produziu uma sentença gramaticalmente apropriada, então você precisa fazer algo para tornar essa frase mais gramatical. Muitas vezes, como sabemos, nas línguas de sinais há uma flexibilização maior e a questão não é tanto sobre a precisão gramatical — embora essa seja uma questão importante para os aprendizes da língua. Geralmente é mais sobre o uso. De modo geral, acredito que a Teoria da Relevância nos ajuda a falar sobre os tipos de decisões que tomamos, sendo algumas limitadas pela

língua em si e outras, consistindo nas escolhas feitas pelo intérprete ou pelo tradutor. A partir do meu trabalho de doutorado, posso falar dos tipos de escolhas que os tradutores e intérpretes Surdos têm feito e é isso que vemos os membros da Comunidade fazendo. Então, esses são os tipos de escolhas com as quais talvez nos sintamos mais confortáveis. Creio que isso tem sido uma contribuição valiosa. Nos distanciamos de algo orientado pelo léxico e começamos a pensar sobre a questão situacional. Debra Russell, por exemplo, discorre sobre o processamento no nível do discurso, o que também é importante para pensar no modo como fazemos isso, como formamos pessoas e as ensinamos a desenvolver as ferramentas necessárias para pensar e agir dessa forma. Além disso, a partir da minha pesquisa de doutorado, ao pensar sobre prosódia, tive conversas muito boas com a minha orientadora sobre como fazer as pessoas perceberem que o jeito com que uma informação é apresentada pode distorcer o que está sendo dito.

Primeiramente, você precisa pensar sobre o que está tentando dizer e o modo como vai comunicá-lo. Eu digo para os alunos que as perguntas não funcionam da mesma maneira em inglês e em BSL, por exemplo. Só porque algo é uma pergunta com “O quê” em inglês, não significa que será uma pergunta com “O quê” em BSL. Muitas vezes, a maneira como penso nesses contextos é: “Que resposta você esperaria a essa pergunta? E então, que pergunta você faria para

obter essa resposta em BSL?”. Isso não se prende a um entendimento superficial, de forma superficial, estas não são as mesmas perguntas. Não importa, é isso que chamamos de interpretação ou processamento do significado. Muitas vezes, perguntas que começam com “O quê”, vão se transformar em perguntas que começam com “Como”. Perguntas que começam com “Como” podem se transformar em perguntas que começam com “Quais”. Não precisamos nos limitar pela forma, mas precisamos, sim, pensar no modo como a pergunta deve ser feita quando quisermos que alguém responda ou que uma determinada resposta seja dada. Essa é uma estratégia diferente da que vi durante a minha formação, é uma explicação diferente da que me deram. Mas acredito que é um jeito útil de pensar sobre essas questões. Estive pensando, juntamente com outros colegas acadêmicos, como Annelies Kusters e Maartje De Muelder¹², sobre a língua no seu contexto situacional. Por exemplo, os Surdos apontam, mostram coisas através da língua e usam a representação. Gosto bastante da estrutura de representação do Paul Dudis¹³. Acho que também é uma maneira útil de pensarmos nos tipos de escolhas de enriquecimento que se pode ver na língua alvo. Dessa

12 Annelies Kusters é uma professora Surda na Universidade de Heriot-Watt. É a líder do grupo de pesquisa sobre antropologia Surda. Maartje De Muelder é uma professora Surda e pesquisadora sênior na Universidade Utrecht de Ciências Aplicadas.

13 Paul Dudis é Surdo e atua como professor Assistente no Departamento de Linguística da Universidade de Gallaudet.

forma, por exemplo, se você sabe que essas perguntas serão feitas em inglês, você obteria a resposta em uma típica interação entre Surdos ao apontar e franzir a testa. Isso te dá a resposta que você quer; então essa é a pergunta que deve fazer. Faço com que os alunos realmente pensem no fato de que, estando fisicamente presentes, não tem como agir como um intérprete em vídeo. Qual seria o sentido em fingir que não estão lá? Eles precisam ser muito mais interativos e dizer coisas como: “Ah, essa coisa... é aquela coisa lá”. Se tem um *PowerPoint* e se fala no número 3, por exemplo, você pode apontar para o número 3. E podemos presumir que as pessoas no público têm algum grau de fluência. Você aponta para o número 3 e pressupõe que o público consegue lê-lo. Ou aponta para o número 3, dá tempo para o público ler, e então faz uma tradução à prima vista desse ponto. É assim que pessoas Surdas interagem em situações. Então, novamente, acho que isso não tem recebido a devida atenção no processo de formação de intérpretes. Como os Surdos se comunicam e interagem normalmente? Eu diria que parte disso recebe grande influência do trabalho da Cynthia Roy. Quando eu trabalhava na Universidade Gallaudet, as pessoas falavam muito sobre fazer uma formação de intérpretes a nível do discurso. Então perguntei: “Eu sei que vocês têm uma disciplina sobre discurso no primeiro semestre, mas como isso é incorporado no ensino?”. E a resposta foi um silêncio. Acredito que se mostrarmos o modo como ouvintes interagem uns

com os outros, por exemplo, com a sobreposição de enunciados, tomada de turnos e outros tipos de coisas, poderemos ver como isso ocorre em ASL. Se pensarmos em como as pessoas Surdas interagem entre si, o que fazemos como intérpretes não é diferente. Nós ainda somos seres humanos. Essas são algumas das formas com as quais eu tenho conseguido formar intérpretes. Assim como ampliar a ideia do que significa de fato interpretar para uma Comunidade minoritária de dentro da comunidade minoritária ou de como isso se desdobra em algumas das questões identitárias e políticas inerentes ao ser humano. Se você diz que é um aliado, precisa ser um ser humano. E isso significa que, se você sabe que a pessoa na sua frente realmente não entende algo, você tem o dever de dizer que acha que sua interpretação foi clara, mas pelo visto, a pessoa não entendeu o que está sendo dito.

Sutton-Spence: **Quais as diferenças entre tradutores e intérpretes Surdos e ouvintes que trabalham no Reino Unido e nos Estados Unidos?**

Stone: São situações muito diferentes. Diria que a formação de intérpretes é diferente. Talvez esteja sendo ligeiramente tendencioso, mas acho que nos formamos melhor no Reino Unido. Acredito que isso se deve, em parte, às expectativas que a Comunidade Surda tem sob a atuação dos intérpretes. Os Surdos esperam que os intérpretes sinalizem como eles aqui

no Reino Unido. As pessoas não querem trabalhar tanto pensando que a mensagem deve ser passada na língua dos Surdos. É isso. Estive em Gallaudet, na bolha de Washington DC, o que não representa de fato toda a Comunidade. Entretanto, penso que há uma guerra de poderes nos Estados Unidos — não estou dizendo que não exista no Reino Unido — sobre o modo como queremos que você interprete. “Eu quero que você me diga o que eles estão falando”. Esse é o viés condutor. Isso significa que alguns Surdos vão dizer “eu não entendo aquele intérprete”. Um intérprete norte-americano está fazendo aquilo que querem que ele faça. Ele não necessariamente está se conectando com a língua de sinais presente nas associações, por exemplo. Há muito mais expectativa no Reino Unido, em toda a nossa formação, de pensarmos assim: “se esforce!”, e isso também é um pouco diferente. Essas questões criam espaços diferentes para os intérpretes Surdos. Há Surdos que não entendem os intérpretes ouvintes, então é necessária a presença de intérpretes intralinguais, que interpretem da ASL que se adequa às necessidades do profissional Surdo para a ASL que atenda às necessidades de alguém que não tenha um repertório linguístico e cultural para lidar com as comunidades ouvintes e com os processos ouvintes do mundo ouvinte. Claro, essas questões ficam limitadas por questões econômicas, mas onde há muito dinheiro envolvido e é possível ter um intérprete Surdo, as pessoas podem contar com esses profissionais, já que:

“Por que não? Por que não posso ter uma fatia maior do bolo? Ah, era disso que ele estava falando. Ah, ok, isso me deu mais espaço para refletir”. E aqui no Reino Unido, novamente, essas questões são definidas pela situação econômica. Os Surdos têm se interessado pela mídia há um bom tempo.

Tínhamos o projeto de acesso a vídeos Surdos em Londres e o *Deaf Owl*¹⁴. Muitos Surdos foram formados no Norte para trabalhar na mídia ou na radiodifusão. É claro que também temos outros vários programas, e um dos mais antigos é o *See Hear*, que significa a presença de Surdos na tela, frequentemente fazendo esse trabalho com *autocues* e teleprompter a partir do inglês; e os Surdos têm se sentido confortáveis trabalhando com inglês nesse contexto. Nós também tínhamos uma tradição na qual Surdos trabalhavam no âmbito da saúde mental e aconselhamento psicológico, então eles provavelmente atuavam como intérpretes Surdos nessa área. Havia um trabalho de interpretação acontecendo às escondidas. Por exemplo: “Nós vamos empregar você como estagiário, mas na verdade você vai atuar como intérprete Surdo nas escolas porque as crianças Surdas não entendem o professor ouvinte”. Nos EUA, até certo ponto, também acontecia isso.

O Reino Unido tem um sistema de qualificação, no qual o intérprete Surdo faz o que poderíamos chamar de “interpretação relé”, ou interpretação intralingual, ou trabalho de modificação da língua, ou, ainda,

¹⁴ Uma produtora de televisão Surda.

trabalho intermediário. Muitas vezes, isso é feito como um trabalho adicional. Surdos que trabalham na área da saúde fazem isso. Surdos qualificados como conselheiros também o fazem. Surdos que trabalham na mídia também têm feito traduções para *websites*, ou outras coisas. Então, os tipos de profissão têm emergido de formas diferentes. Lembro que fui o presidente da Associação Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais (ASLI) quando eu estava terminando o meu doutorado. Uma das razões políticas em usar a etnografia crítica é apoiar a Comunidade a alcançar seus objetivos. Fui convidado para participar do comitê que avaliava o aceite formal de tradutores e intérpretes Surdos nesse sistema. Houve discussões com grupos fechados de intérpretes Surdos e depois me relataram momentos em que as pessoas diziam: “Se você não consegue ler em inglês, você não pode ser um tradutor ou um intérprete”. “O nosso inglês não precisa ser o mesmo que o inglês dos ouvintes, porque, meu Deus, a língua de sinais deles não é a mesma que a nossa”. Entretanto, como você vai ler o texto de preparação se você não sabe ler em inglês? E havia um consenso de que se você era um intérprete especializado ou um tradutor, ou até mesmo o intérprete que ia fazer um trabalho de modificação de língua, realmente precisava conseguir ler o texto de preparação. Creio que essa questão é diferente nos Estados Unidos. Contudo, infelizmente, uma das especialistas que não era realmente uma especialista em língua de sinais, se posicionava da

seguinte forma: “se você está lendo, é o mesmo que estar ouvindo. Se você está lendo um texto em inglês, isso é tradução, e não interpretação, que é a razão de termos uma categoria à parte”. E a interpretação que essa organização disponibilizava, também seguia esse posicionamento. Um intérprete é alguém que trabalha de uma língua para outra. É por isso que os nossos intérpretes são profissionais que trabalham entre duas línguas de sinais. Ainda existe essa lacuna, pois existem intérpretes que fazem o trabalho intralingual, mas não há qualificação formal para isso.

Já nos Estados Unidos, se você é um *IS*¹⁵, um intérprete Surdo qualificado, há grandes chances de que faça esse trabalho de modificação da língua. Alguém dá *feedback* e, a partir desse *feedback*, a mágica acontece. Eu diria que eles têm visões diferentes, e isso cria dinâmicas diferentes. De certa forma, nós [no Reino Unido] ainda precisamos incorporar essas visões que os americanos já têm. Além disso, a razão pela qual nós fazemos a interpretação televisiva, é porque os usuários de língua de sinais fizeram esse movimento de reivindicação por legendas e por sinais na televisão. E quando a comunidade de pessoas com deficiência auditiva se juntou a esse movimento em números ainda maiores, os Surdos na Grã-Bretanha persistiram: “queremos ter a língua de sinais na televisão”. E as pessoas com deficiência auditiva concordaram. Temos quase 100% dos programas com legendas e *closed captions*, e 5%

¹⁵ *Deaf Interpreter* – Intérprete Surdo

dos programas contam com interpretação. Nos EUA, eles lutaram por legendas e *closed captions*, o que cria um espaço político diferente. Então, agora eles [os EUA] olham para o Reino Unido e pensam: “Nós ficamos para trás nisso”. No entanto, da mesma forma, o Reino Unido fica para trás no fato de não ter uma categoria para interpretação intralingual, uma vez que isso ainda é necessário. Guia-interpretação também é o que os intérpretes Surdos fazem. No entanto, uma das grandes coisas que parece ser semelhante no Reino Unido e nos Estados Unidos, e em todo o mundo, e que me entristece dizer, é que meus colegas ouvintes parecem não entender que, se quisermos a presença de Surdos em uma profissão que todos eles querem, ou pelo menos dizem querer, significa que os espaços profissionais que são as nossas conferências devem ser em língua de sinais. Nenhum Surdo vai a uma conferência e quer ver pessoas conversando na língua falada na frente deles. Que bobagem é essa? Sim, você está socializando, mas você está em um espaço profissional. Se essa profissão quer incluir as pessoas Surdas, há apenas uma língua que é compreendida por todos. Talvez essa seja minha opinião porque eu estudei em Bristol, ou talvez porque eu seja antiquado, mas é uma grosseria *falar* na frente dos Surdos. E se você é fluente em língua de sinais, é uma grosseria maior ainda, é um pecado capital na dinâmica que se dá entre profissionais Surdos e ouvintes.

Quando eu estive no Brasil, no Congresso TILSP, isso não

parecia ser um problema. Nos EUA está começando um movimento de rompimento por parte das Organizações de Intérpretes Surdos de ASL, pois eles não querem ir a conferências onde as pessoas que eles respeitam, e que esperam que os respeitem, literalmente *falam*. Se você é um aliado, não faça isso! Esse é o próximo grande desafio para a Interpretação. Na Europa, os intérpretes Surdos tendem a ser multilíngues. Os intérpretes ouvintes britânicos tendem a ser bilíngues. É um pouco constrangedor. Eu conheço intérpretes Surdos na Europa que sabem cinco línguas. E aprenderam sua própria língua de sinais, a leitura e escrita de sua língua nacional, mais o inglês. Além disso, provavelmente um pouco de ASL e Sinais Internacionais. Assim, em termos do valor desses profissionais, os intérpretes Surdos contribuem mais. Quando tivemos convidados para a Conferência da ASLI, quando eu era o presidente, fui o primeiro a conduzir toda a reunião de negócios em língua de sinais, já que fui o primeiro presidente a trabalhar com os intérpretes Surdos. Eles trabalhavam a partir do *autocue* direto para BSL e dois colegas ouvintes interpretavam para inglês falado. E, é claro, eles se apoiavam mutuamente. Eu convidei um colega dos EUA, um colega da Irlanda, um colega da Argentina também. Um dos colegas dos EUA sinalizava em ASL, um intérprete Surdo passava do inglês para o BSL, de ASL para BSL, de Língua de Sinais Irlandesa para BSL e Sinais Internacionais para BSL. Isso vale muito dinheiro! Quantos intérpretes você teria que contratar se não houvesse essa única pessoa? Então, quando as pessoas dizem “intérpretes Surdos são caros”, depende do que

você está falando, não é? Pessoas que só sabem duas línguas também podem ser caras em alguns contextos. Interpretações de ouvintes e de Surdos são diferentes, é interessante. No Reino Unido, e acho que nos EUA também, há a ideia de que: “Ah, eu posso fazer isso”, mas isso não significa que eu deva fazer. Por exemplo, eu posso me dar um soco na cara, mas não vou fazer isso, certo? Os intérpretes Surdos não querem roubar o trabalho dos intérpretes ouvintes, mas há certos tipos de trabalho que são realmente para os Surdos. Quando pensamos sobre os próximos passos, pensamos nessa dinâmica Surdo-ouvinte. Eu acho que os intérpretes ouvintes precisam ser bem menos sensíveis em relação a isso. As pessoas querem o trabalho deles. Há algumas coisas que eles fazem que são certas, mas, sinceramente, a sutil linguagem prosódica que os nativos de língua de sinais fazem na tela fica melhor. Parece ser menos custoso para eles. Eles fazem escolhas sofisticadas. Os Surdos também são as pessoas que visitam os *websites* e assistem tudo em BSL, então eles entendem o que é essa prática. Coisa que você [profissional ouvinte] não faz. Quando eles estão assistindo à televisão, eles sabem o que é assistir, olhar para um intérprete e ainda assimilar algumas das legendas, vendo o que está passando na tela. Eles são sensíveis a esse ambiente de visualização e a maioria de nós não faz isso. Eu tento fazer isso regularmente, desligar o som e ver como tudo funciona. Sabe, você tem que fazer isso.

**MAIN CONTRIBUTION:
THE PROPOSAL OF DEAF TRANSLATION NORMS**

Sutton-Spence: **Let's talk about Deaf Norms. Where did the idea come from? How did that happen?**

Stone: It was a long idea in the making which started at Bristol. As I said, we saw Deaf Interpreters work because many of the people who were on our faculty interpreted for the television, so that was kind of in the background. They interpreted for the Regional Television News, on a variety of different channels including ITV southwest and BBC South West. Lorna Allsop, who is a good friend of mine and colleague, was the principal news interpreter for summaries of the news on BBC southwest. Whenever she was not able to do it she had a team of Deaf people, but if they went away on holiday or something, she would ask me to cover for her. I was really fascinated and wondered, "how does she make that decision, and why me and not other people?". Having conversations with her and with other colleagues within the Centre for Deaf Studies at Bristol, I started thinking and mulling over "what is the difference?" Working in Uganda, I saw very clearly that I would interpret something into Ugandan Sign Language and not be understood by some people, then I watched Gloria doing pretty much the same manual elements and being understood. I

realised that something's happening, perhaps because she moves one eyebrow one millimetre or she's blinked in one place or something, but we didn't have the data. I thought that even if it's just because she is a Deaf person, there's something here. And so, having those mullings in my mind, I started the PhD, and at that time there was a lot of conversation around, whether Deaf people were better interpreters than hearing people or not. More programs on the BBC were legally being required to have in-vision interpreting, much of which was done by Deaf people, and probably some hearing interpreters felt a bit threatened by that. So, I was really fascinated by what that was about. Very clearly Deaf people were saying that they could tell when people were Deaf on the television, that they understood and they liked what Deaf people did. So, what is it we're doing differently? Of course, the main focus of sign language is often the manual elements, and people seemed to be saying that it wasn't necessarily about lexical choices. So, that was of its time, really. While thinking I would do something more sociolinguistic, I shifted to "this is interesting for me". That started the whole process of thinking about the Deaf Translation Norms for me. I was influenced by Paddy¹ and thinking about linguistic ethnography, and then having done some television news rendering myself and being in the studio, having done some participant observations, as it were, I wanted to interview Deaf people who do this work and find out their thoughts, and what they are doing.

¹ Paddy Ladd is a Deaf scholar, author, activist and researcher of Deaf culture.

There was no formal Interpreter Training for Deaf People at the time, so how had they arrived at this place? They're not idiots, they're people who actively maintained learning, people who went to interpreting workshops whenever they were available, and they had a lot of other things to draw upon. But what was that? I had conversations with people, especially people who grew up in the community, who also recognised it. So why did this happen in the community? The information givers, the people who are known to be good at the written language of their local community, maybe they are the go-to people to ask, "what does this mean?". And those are role models, which happens in Deaf clubs, in Deaf spaces and yet that's ignored in interpreting training, when surely that's really powerful model for us to ensure that we deliver our interpreting product in a way that suits the needs of the communities we work with. Here is a community-grown model. It became quite clear from what I was being told, that there was the historical component to this, which probably was so assumed, that it was overlooked by people.

Sutton-Spence: **Hidden in plain sight.**

Stone: Yes. I remember my PhD supervisor once saying: "When Christopher Columbus arrived in America, people said anybody could do that". And he asked: "can you make this egg stand up?" You know, the egg goes around the table and he just broke it and they said, "I

could do that". "Yes, but you didn't do it, I did it". In the end you feel like you are pointing out the bleeding obvious. Sometimes things are hidden in plain sight.

Sutton-Spence: **I know that you drew on Even-Zohar and Toury's work. Would you say that there was much feeding in from General Translation Theory at the time? Are you currently influenced by Translation Theory? Or would you say you drew more on practical experience?**

Stone: Toury, definitely. I love the idea of norms. It's something that's very interesting for me in terms of thinking about what the expectations are in the system, what kinds of translation will occur, how we will be doing it, and how it's delivered. Even when you consider different styles of sign language interpreting, how much fingerspelling is used in interpretations, it may be different from the frequency of fingerspelling in the general Deaf population. In the States we see a lot of fingerspelling, but when I socialize with Deaf people, outside the Gallaudet bubble, they didn't look that different from the Deaf people I socialized with in in the UK, and not mega-strong fingerspellers. There's this expectation and as an interpreter you have that kind of range, and that interests me. I think Toury's norms form the sociological context of translation. The other thing for me is the pragmatics, I'm very interested in the pragmatic element. How do we use what language to communicate what? It's a slightly

underexplored area in Translation Theory, to be honest. Some of the practical stuff that happens. Think-Aloud Protocols are interesting. I did TAP in my study. I do draw upon Translation Theory, but I think it has to be something which brings together a variety of different factors. Dealing with an unwritten language, that's the thing that is underexplored in Translation Studies generally, that we now have the technology to enable translations without using written words. Also work from the Summer Institute of Linguistics about how to develop a written system. That is something that is interesting to me *per se*.

We also need to think about the multimodality. Thinking about translation, what can we do on the screen? If we're thinking about doing a translation of a museum guide, video editing is a powerful thing which enables different types of translation strategies to be used. Mona Baker talks about translation by illustration in a book, and translation by illustration in a video can happen if it's pre-edited. You can have people thinking "Ah, you are talking about that", and then, superimposed onto the image, you can point to the thing, thinking about how somebody might interact with this technology in a museum. So, I think newer multimodality practices are interesting for us and that is underexplored in Translation and Interpreting more generally. It's something which is evolving, and Sign Language Translation and Interpretation Studies has influenced some of the thinking in more mainstream Translation Studies about multimodality, and thinking that this is a two-way street. I still love Sequeiros' ideas on

Relevance Theory. I still like that idea of the enrichments that happen and how do we deal with that. I think that's a way of conceptualizing what we call "processing". I often say to students when I'm teaching, "What answer are we to expect from this question in English? What question do you ask to get that answer in BSL?" Because it doesn't have to be the same question. "What you're looking for is an answer, so how do you get that answer?". I really like Mona Baker's work. Toury is still, probably, a big one for me. And, Sequeiros' pragmatic work, but also drawing more widely on multimodality. I'm interested in translanguaging at the moment, in terms of the different resources and repertoires people bring to their semiotic repertoire, especially in terms of non-verbal, as in non-language, and gesture, the interactions that happen.

Sutton-Spence: **Looking back at over the last 20 years, what contributions do you think you've made to the field of Translating and Interpreting? Through your research or through your professional practices as a role model?**

Stone: I think that the Deaf Translation Norm still seems to be quite seminal in terms of thinking about the role of Deaf people within the profession, thinking about the processes that we engage in when we're engaging an audience, when we're thinking about how we use information on the screen, when we're thinking about the prosody. For me it's about the prosodic marking that we

see Deaf interpreters do, people who are highly fluent in sign language, the elegance of the decisions they can make in those moments, whether they're conscious or unconscious. Performed to unwritten language still seems to be something which is of interest to people and captures the interest of Deaf Interpreters and Translators here in Europe. In the UK, I sat on the Committee which ensured that we had professional recognition for Deaf Translators and Interpreters, and now we can have Deaf Translators and Interpreters accredited. That's pretty much due to my work. I know that in Belgium one of the reasons why they have Deaf people on television it's because they used my PhD and my publication as a way of lobbying, to make sure Deaf people were involved in the translation teams. Sometimes, you open the door and you then enable people take further steps. But there is also some more recent work. I work on television still, and I work in a team where about half the team is Deaf and half the team is hearing. Much of the work is scripted, so we have a teleprompter or an autocue, and it is done by Deaf colleagues. Some of the live material which doesn't have autocue, or pre-scripted stuff, is not done, although we're trying to lobby to change that as well. Very recently, on the international day of disability, we had a Deaf colleague who worked on the Channel 4 News live, via speech detector reports and palantype. And some of the research that I do, and some of the workshops that we have, I continue to contribute in that way. I did a little analysis of what we do on television, thinking about how

we look at the screen, how we point at the screen, how we demonstrate things that are being shown on the screen, moving more into a little bit of depiction. Again, it's fascinating with Deaf colleagues when I say, "we have looking and we have watching". And they say: "what do you mean, looking and watching? They're not different!". Then I show them the examples and I explain, and they understand that it is different, because sometimes you just look and direct the gaze of the audience to what's happening on the screen. but sometimes you watch, and then you engage in some linguistic activity. Or you don't, so you enable a moment, and then you engage. These are different kinds of strategies that people are using. I just started to touch on it in my PhD, in terms of "What do we incorporate to make sure that what we're producing is isomorphic with the screen information?". When we have something which is tall and thin, we present a tall and thin thing in our language. There is a beautiful clip of Clive Mason² talking about an aeroplane which has unloaded some fire retardant for a forest fire that's happening, being reported on the BBC news. Whether this is conscious or not, you can actually draw a line where the plane of his hand is in the same plane as the retardant. It is really highly specified, highly specific linguistic information. When I showed that to colleagues, they were impressed. They can feel pride in their work, and can see the sophisticated decisions they're making,

² A well-known Deaf television presenter, teacher and researcher. He was the first Deaf television presenter to sign BSL on television without speaking simultaneously.

especialmente porque eles estão muitas vezes na traseira, estes colegas. Então, eu acho que é uma contribuição útil. Algumas das pesquisas que Robert Adam³ e eu fizemos, em termos de história, parecem ser realmente importantes, como pensar sobre o ghost writing. Nós apresentamos isso na WFD e em outros lugares, e muitas pessoas surdas disseram que eles estavam envolvidos em linguagem brokering e não tinham sequer pensado nisso. Se essa é a maneira típica de se envolver em Translation Practices, qual exposição os estudantes têm para esse linguagem brokering, para que eles possam realmente realizar essa norma? Eu gosto de pensar e refletir sobre o que acontece em comunidades. Muitas vezes quando eu visitava lugares e pessoas surdas viam as apresentações, elas reconheceriam e diriam "Isso é o que eu faço!". É bom quando você espera ter descrito o fenômeno bem e alguém confirma: "Yeah, that's it". Não menos porque você sente que não está deixando seus participantes para trás. Nós precisamos estar dispostos a descrever o que acontece. É muito fácil se deixar levar por essa busca acadêmica por publicações e escrever algo. Você não quer que esse conhecimento seja perdido. Isso provavelmente também é um valor que eu tenho de Bristol. Há sabedoria surda. Às vezes esse conhecimento é passado adiante e é bom como acadêmico ter uma plataforma para poder identificar sabedoria surda e poder compartilhá-la com as pessoas.

³ Robert Adam is a Deaf, professor, researcher and Director of Continuing Professional Development at DCAL (Deafness Cognition and Language Research Centre) at UCL (University College London).

CONTRIBUIÇÃO DE DESTAQUE: A PROPOSIÇÃO DAS NORMAS SURDAS DE TRADUÇÃO

Sutton-Spence: **Vamos falar sobre Normas Surdas. De onde veio essa ideia? Como isso aconteceu?**

Stone: Foi uma ideia antiga que começou em Bristol. Como eu disse, nós víamos os Intérpretes Surdos trabalhando, pois muitas das pessoas que estão no nosso corpo docente interpretavam na televisão, então esse era o nosso cenário. Eles interpretavam o Jornal de Notícias da Televisão Regional, em uma variedade de canais diferentes, incluindo a ITV Sudoeste e a BBC Sudeste. Lorna Allsop, que é uma grande amiga e colega, foi a principal intérprete da síntese das notícias da BBC Sudoeste. Sempre que ela não conseguia fazer, tinha uma equipe de pessoas surdas, e se eles saíssem de férias ou algo assim, ela me pedia para substituí-la. Eu ficava fascinado e pensava: "como ela faz essa escolha e por que eu e não outras pessoas?". Conversando com ela e com outros colegas do Centro de Estudos Surdos de Bristol, comecei a pensar e a refletir sobre qual seria a diferença. Enquanto estava trabalhando em Uganda, via que interpretava algo para Língua de Sinais da Uganda e claramente não era

compreendido por algumas pessoas. Então, a Gloria praticamente fazia os mesmos elementos manuais e era compreendida. Percebi que algo estava acontecendo, talvez porque ela moveu a sobrancelha um milímetro, ou piscou em algum momento, ou algo assim, mas não tínhamos os dados. Pensei que poderia haver alguma coisa pelo fato de ela ser Surda. Com isso em mente, comecei o Doutorado e naquela época se indagava muito se os Surdos seriam ou não melhores intérpretes do que os ouvintes. Mais programas na BBC começaram a ser obrigados por lei a ter interpretação, muitos dos quais foram feitos por Surdos, e provavelmente alguns intérpretes ouvintes se sentiram um pouco ameaçados com isso. Eu estava realmente fascinado com o que estava acontecendo. Os Surdos estavam dizendo que eles conseguiam diferenciar claramente quando as pessoas na televisão eram Surdas, que eles entendiam e gostavam do que os Surdos faziam. Então, o que estamos fazendo de diferente? É claro que um dos focos principais da língua de sinais consiste nos elementos manuais e as pessoas pareciam estar dizendo que a questão não era necessariamente sobre as escolhas lexicais. Foi algo daquele tempo, na verdade. Eu pensava que faria algo mais na área da sociolinguística, mas depois mudei porque “isso é interessante para mim”. Isso deu início a todo o processo de pensar sobre as Normas Surdas de Tradução. Fui influenciado por Paddy¹ ao pensar em etnografia linguística. E

¹ Paddy Ladd é um estudioso Surdo, autor, ativista e pesquisador da Cultura Surda.

depois de ter feito a interpretação de alguns noticiários da televisão, de estar no estúdio e de ter observado os participantes, eu quis entrevistar Surdos que faziam esse trabalho, descobrir quais eram seus pensamentos, o que estavam fazendo.

Não havia uma formação formal para intérpretes Surdos na época, então, como eles chegaram a esse lugar? Eles não eram bobos, eram pessoas que realmente mantinham ativo o aprendizado, pessoas que frequentavam cursos sempre que podiam, mesmo tendo muitas outras coisas em que se basear. Mas o que era aquilo? Conversei com as pessoas, principalmente com aquelas que cresceram na Comunidade e reconheciam a diferença. Então por que aquilo acontecia na Comunidade? As pessoas que dão informação, que são conhecidas por serem boas na língua escrita da sua Comunidade local, talvez sejam as pessoas a quem eles se dirijam e perguntem “o que isso significa?”. E esses são modelos presentes nas associações de Surdos e em espaços Surdos que, ainda assim, são ignorados no processo de formação de intérpretes, apesar de serem realmente poderosos na garantia da entrega de uma interpretação que atenda às necessidades das Comunidades com as quais trabalhamos. Aí está um modelo desenvolvido pela Comunidade. Tornou-se bastante claro, a partir do que me foi dito, que havia o componente histórico para aquilo, que provavelmente era tão óbvio a ponto de ser deixado de lado pelas pessoas.

Sutton-Spence: **Escondido em plena vista.**

Stone: Sim. Eu lembro do meu orientador de Doutorado dizendo certa vez que “quando Cristóvão Colombo chegou à América, diziam que qualquer um poderia fazer aquilo”. E ele perguntou: “você pode fazer este ovo ficar em pé?”. Então o ovo rola ao redor da mesa e ele o quebra e as pessoas dizem: “Eu poderia fazer isso”. “Sim, mas você não fez, eu que fiz”. No final, você sente que está apontando para algo extremamente óbvio. Às vezes, as coisas estão escondidas à vista de todos.

Sutton-Spence: **Eu sei que você se embasou no trabalho de Even-Zohar e de Toury. Você diria que, na época, se apoiou na Teoria Geral da Tradução? Atualmente, você é influenciado por ela? Ou você diria que se apoiou mais na experiência prática?**

Stone: Toury, definitivamente. Eu amo a ideia de normas. É algo muito interessante para mim em termos de pensar sobre quais são as expectativas no sistema, que tipo de tradução irá ocorrer, como será feita e como será entregue. Mesmo quando você considera estilos diferentes de interpretação de língua de sinais, a quantidade de datilologia usada nas interpretações pode ser diferente da quantidade usada pela população Surda de forma geral. Nos Estados Unidos, vemos muita datilologia, mas, ao me relacionar com pessoas

Surdas fora da bolha de Gallaudet, elas, na verdade, não parecem tão diferentes das pessoas Surdas com quem eu socializava no Reino Unido, que não usavam datilologia em excesso. Há essa expectativa e, como intérprete, você tem esse tipo de alcance. E isso me interessa. Penso que as normas de Toury formam o contexto sociológico da tradução. Outra coisa importante para mim é a pragmática, tenho muito interesse em elementos pragmáticos. Como usamos a língua e para comunicar o quê? Acredito que é uma área pouco explorada na Teoria da Tradução, para ser sincero. Algumas das coisas práticas que acontecem. Os Protocolos Verbais são muito interessantes. Eu usei TAPs (*Think-Aloud Protocols*) no meu estudo. Eu uso a Teoria da Tradução, mas acho que tem que ser algo que reúna uma diversidade de fatores distintos. O modo de lidar com uma língua não escrita é geralmente pouco explorado nos Estudos da Tradução, mas hoje temos a tecnologia para realizar traduções sem usar palavras escritas. Também o material do *Summer Institute of Linguistics* sobre como desenvolver um sistema escrito. Isso é algo que, em si mesmo, é interessante para mim. Além disso, precisamos pensar na multimodalidade. Pensando em tradução, o que podemos fazer na tela? Se queremos fazer a tradução de um guia de museu, a edição de vídeo é uma ferramenta poderosa que permite o uso de diferentes tipos de estratégias de tradução. Mona Baker fala sobre tradução por ilustração em um livro e a tradução por ilustração em

um vídeo pode acontecer se for pré-editada. E as pessoas podem pensar: “ah, você está falando sobre tal coisa”. E então, sobrepor a imagem, apontar para a coisa, pensando em como alguém poderia interagir com essa tecnologia em um museu. Eu acho que práticas multimodais mais recentes são interessantes para nós e ainda são pouco exploradas na Tradução e na Interpretação de maneira geral. É algo em evolução e os Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais influenciaram parte do pensamento mais tradicional sobre multimodalidade nos Estudos da Tradução, ao considerá-la como uma via de mão dupla. Ainda tenho grande apreço pelas ideias de Sequeiros sobre a Teoria da Relevância. Ainda a considero uma ideia válida sobre os enriquecimentos que acontecem e os modos como lidamos com isso. Acredito que é uma maneira de conceituar o que chamamos de “processamento”. Eu frequentemente pergunto aos meus alunos “que respostas devemos esperar para essa pergunta em inglês? Que pergunta você faz para obter essa resposta em BSL?”. Porque não precisa ser a mesma pergunta. “O que você está procurando é uma resposta, então, como você obtém essa resposta?”. Eu gosto bastante do trabalho da Mona Baker. Toury ainda é um grande estudioso para mim. Também, os estudos pragmáticos de Sequeiros, mas partindo da multimodalidade de uma forma mais ampla. No momento, estou interessado em translanguagem em termos dos diferentes recursos e repertórios que as

pessoas trazem para os seus repertórios semióticos, especialmente em termos do não verbal, como uma não língua, gestos, e nas interações que acontecem.

Sutton-Spence: **Ao olhar para os últimos 20 anos, que contribuições você acredita ter trazido para o campo da Tradução e Interpretação? Elas se deram através de sua pesquisa ou através de suas práticas profissionais?**

Stone: Eu acho que a Norma Surda de Tradução ainda parece ser bastante seminal quando consideramos o papel dos Surdos dentro da profissão, os processos nos quais nos engajamos ao nos envolvermos com o público e como usamos a informação na tela, quando pensamos sobre a prosódia. Para mim, é sobre a marcação prosódica que vemos nos intérpretes Surdos, pessoas que são altamente fluentes em língua de sinais, a elegância das escolhas que podem fazer, consciente ou inconscientemente. *Performances* para uma língua não escrita ainda parece ser algo cativante para as pessoas e atrai o interesse de tradutores e intérpretes Surdos aqui na Europa. No Reino Unido, participei do Comitê que assegurou que nós tivéssemos reconhecimento profissional para tradutores e intérpretes Surdos e agora os tradutores e intérpretes Surdos podem ser credenciados. Boa parte disso é por causa do meu trabalho. Sei que na Bélgica uma das razões pelas quais eles têm Surdos na televisão é porque se basearam na

minha tese e na minha publicação como forma de fazer *lobby*, a fim de garantir que os Surdos integrassem as equipes de tradução. Às vezes, nós abrimos a porta e permitimos que as pessoas deem os próximos passos. Mas também há trabalhos mais recentes. Eu ainda trabalho na televisão com uma equipe na qual cerca da metade dos integrantes são Surdos e a outra, ouvinte. Grande parte do trabalho é roteirizado, então temos um teleprompter ou um *autocue*, e esse trabalho é feito pelos colegas Surdos. Algumas coisas ao vivo que não tem o *autocue*, ou não tem o material com o roteiro pré-estabelecido, não são feitas [pelos colegas Surdos], embora também estejamos tentando mudar isso. Recentemente, no dia internacional das pessoas com deficiência, tivemos um colega Surdo que trabalhou no Canal de Notícias 4, ao vivo, por meio de detectores de fala e legendadores. Em algumas das pesquisas que faço, bem como em algumas das oficinas que temos, continuo contribuindo com isso. Realizei uma pequena análise do que fazemos na televisão, considerando o modo como olhamos para a tela, como apontamos, como mostramos as coisas que estão aparecendo na tela, usando mais representação. Mais uma vez, é fascinante quando digo aos colegas Surdos: “temos o olhar e o assistir”. E eles dizem: “como assim olhar e assistir? Não há diferença!”. Então mostro os exemplos e explico, e eles entendem a diferença, pois, às vezes, você apenas olha e direciona o olhar do público para o que está acontecendo na tela, mas às vezes, você

assiste e depois começa a atividade linguística. Ou não, você se prepara por um momento, então começa. Essas são diferentes estratégias que as pessoas estão usando. Comecei a pesquisá-las no meu Doutorado em relação a “o que incorporamos para garantir que o que estamos produzindo seja isomórfico com as informações da tela?”. Quando temos algo que é alto e magro, apresentamos algo alto e magro na nossa língua. Há um vídeo muito bonito do Clive Mason² no noticiário da BBC falando sobre um avião que descarregou, em um incêndio florestal, uma carga de retardantes de combate ao fogo. De forma consciente ou não, você pode realmente traçar uma linha na qual vemos que o plano de sua mão está no mesmo plano que o material sendo descarregado. É informação linguística altamente específica. Ao mostrar isso aos colegas, eles ficaram impressionados. Eles podem sentir orgulho de seu trabalho e podem ver escolhas sofisticadas sendo feitas, especialmente porque esses colegas estão frequentemente em desvantagem. Assim, acho que é uma contribuição útil. Algumas das pesquisas que Robert Adam³ e eu fizemos em relação à história parecem ser realmente importantes, como pensar sobre escritores fantasmas. Nós apresentamos essa proposição na WFD e em outros lugares e muitos Surdos atestam que têm se envolvido na mediação

² Um conhecido apresentador Surdo, professor e pesquisador. Foi o primeiro Surdo a usar a BSL na televisão sem falar simultaneamente.

³ Robert Adam é Surdo, professor, pesquisador e diretor de formação profissional continuada no Centro de Pesquisa sobre Linguagem, Surdez e Cognição (DCLA) da Universidade College London (UCL).

de línguas sem nunca ter pensado nisso. Se essa é uma maneira típica de se envolver nas Práticas de Tradução, que exposição os alunos têm a isso, a essa intermediação da língua, de modo que eles possam realmente executar essa norma? Eu gosto de pensar e refletir sobre o que acontece nessas Comunidades. Muitas vezes, quando eu visitava diferentes lugares, os Surdos viam as apresentações e me diziam: “É isso que eu faço!”. É prazeroso quando você espera ter descrito bem um fenômeno e alguém confirma: “Sim, é isso mesmo”. Além da sensação de que você não decepcionou os seus participantes. Você precisa estar disposto a descrever o que acontece. É muito fácil se enredar numa busca acadêmica por publicações e escritas. Não queremos que essa sabedoria seja perdida. Isso é provavelmente também um valor que eu herdei de Bristol. Há uma sabedoria Surda. Às vezes essa sabedoria é transmitida e, como acadêmico, é bom ter uma base para detectar a sabedoria Surda e compartilhá-la com os outros.

**CONCLUSION:
FUTURE PERSPECTIVES**

Sutton-Spence: **What do you see as the important future developments in Sign Language Translation and Interpreting?**

Stone: Bristol was full of rich discussion and wonderful research. Being at UCL¹ as well, there were great opportunities to better understand how psychology works, the basic principles. People assume things, but that’s not what happens and that’s not how people think. Interpreter trainers need to know much more about how language is psychologically understood as well as socially understood. In the context of training undergraduates, you can’t lead them into ways of thinking which aren’t rooted in how the brain actually works. It’s useful to give people thinking tools, so they can better understand how they can get out of a hole they dug themselves into, or how they can move past something which has become very entrenched the language behavior, but we also need to think about how to ensure that students think. One of the things that happens in the language teaching, is you want to stretch L2 users’ abilities. You want them to use more enactment, more depiction, more role shift

¹ University College London, where the Deafness, Cognition and Language Research Centre is based.

or constructed actions. These are features which are used pervasively in sign language. We want them to understand metaphorical structures hierarchically. We want them to understand placement which is both real world and abstract. These are all tools you need, but that doesn't mean you need to use those tools all of the time. Students learn it in a sign language class, then they come to an interpreting class and use what they have just learned. As their interpreting teacher, I think "Ok, now I'm going to watch you think about who you're talking to and about what". They often say "But, this teacher's saying something different from you, what we're talking about". I explain that their teachers want them to have as many tools in their toolbelt as possible. I'm teaching them when to use those tools when their interpreting, and that's different.

Technology is changing the way that we work. There will be much more remote and distance interpreting, and we need to be sensitive about what that looks like and what kind of resources we need to have. I'm not saying that it's bad. It does create possibilities for having Deaf and hearing interpreters working together. In the UK context, Deaf schools have closed and older people who are maybe are suffering from dementia may just begin to remember their old school signs. Often Deaf interpreters still remember those signs because they grew up in Deaf families, went to Deaf clubs, and their parents had friends who went to those schools. It's not recorded anywhere else. So, in terms of serving those

populations, we need to be much more sensitive to that, and with technology it won't matter if that person lives far away in Cornwall, because you'll just dial them into the conversation. But we also find some resistance to just having remote interpreting and some of that is about interpreters. Sometimes people will say "I don't want to interpret at a Conference in a room. Everybody else is having fun. I want to be there. Being there, I can see much more". But we need to be sensitive to how we maintain the technology we use well, and some of that will be economic.

Sign Language is interesting because languages change, and Sign Language Interpreters sometimes buy into Folk-etymology and language ideologies of Deaf people, which aren't well placed for professionals. If I'm using a dialect, or I'm using signs which come from a more traditional enclave in the British Sign Language using Communities, and that doesn't serve the need of the person in front of me, then I need to tailor my product to what they need. It doesn't matter if they're using a sign that I think isn't right, because in that moment, that's not my job. As an analogy, if you go to a tailor and you ask them to take your trousers up two centimeters and they say "Oh it'll be much better if I take your trousers up five centimeters", you're not going to go back to that tailor because they haven't done what you asked, whether it's right, or not. As interpreters, we also need to do that. I think there's also a lot of fear-mongering. Older people always feel

like the language is changing faster than they can keep in touch with. Technology changes in ways that they don't understand but it doesn't have to be that way. There may be jobs where Deaf entrepreneurs are doing things that we never even thought would be jobs. And they'll be our teachers, which will be an interesting position for some interpreters to be in, because Deaf people are our equals. I think that's often also a big elephant in the room. "Are you used to thinking about Deaf people, although with different lived experiences, as your equal?" We all have "-isms", but I don't think all interpreters are willing to accept that they have. The possibilities of what will happen are exciting, but we need to be engaged in conversations with Deaf communities, to understand what's changing. We need to keep abreast of technology, but also I think the future is multilingual. Deaf people will travel more, Deaf people will engage in communities virtually, which they don't physically go to, and will pick up those languages, and interpreters have to understand what that looks like. And just having two languages won't be enough, because that won't serve the needs of many of the populations that we serve.

It's exciting you know. When I started 21 years ago, you could pretty much guarantee the type of work you were going to do. "In this month I will probably have interpreted for social work a little bit, I'll have done a few training events, a little bit of Deaf awareness, probably a doctor's appointment, a dentist's appointment, and there's this

major employer of interpreters, so there will be that kind of work". Now, we have Deaf people with Bachelors, Masters, PhDs. Deaf people setting up their own business. Deaf people engage in private conversations, which you wouldn't necessarily have interpreted in the past. Intimate registers, which sometimes you may not really want to know, but they're there for you to see. I'm interested in the work of interpreting, of people talking to each other, of language and how it changes, of people's lives and how they change, people's goals in life and how to achieve them. It's a very exciting time to be an interpreter. And it will continue to be so. For sure! But yes, it'll bring challenges. It is about being savvy with technology, understanding that the community is changing, if anything it's more of a diaspora because people coming together virtually, but it's still there, and it's still strong and healthy. The fact that it may not be in obvious places, is a challenge for interpreters. If you asked Brazilian portuguese interpreter who lived in the UK say "Do you go to Brazil?" and they replied "No, I wouldn't go to Brazil, this is just a job" that would just be weird. "Do you watch Brazilian television? Oh, no. Do you read Brazilian books? Oh, no". If you're a British Sign Language Interpreter or you're a Libras Interpreter, do you go to Libras events all the time? Yes, of course you do. It's not work; you're deciding to have the privilege of witnessing people's lives. And being there at very important moments.

Sutton-Spence: **Thank you. I am so glad that you said yes when we asked you. When Carlos Rodrigues said: “can you think of somebody?”. You came straight to mind. So, thank you.**

Stone: It's a pleasure.

ENCERRAMENTO: PERSPECTIVAS FUTURAS

Sutton-Spence: **Para você, quais são os desenvolvimentos futuros mais importantes na Tradução e Interpretação de Língua de Sinais?**

Stone: Em Bristol tínhamos discussões ricas e pesquisas maravilhosas. Na UCL¹ também, havia excelentes oportunidades para entender melhor o funcionamento da psicologia, dos princípios básicos. As pessoas presumem algumas coisas, mas não é isso que acontece e não é o que as pessoas pensam. Formadores de intérpretes precisam saber muito mais sobre como a língua é psicologicamente entendida, bem como socialmente compreendida. No contexto da formação de intérpretes na graduação, você não pode conduzi-los a pensar em formas que não estão ligadas ao modo como o cérebro realmente funciona. É útil dar estas ferramentas para as pessoas refletirem e pensarem sobre como sair de um buraco em que elas mesmas se colocaram ou em como podem ir adiante na discussão de algo que se tornou muito limitado no uso da linguagem. Entretanto, também devemos refletir sobre como garantir que nossos alunos pensem dessa forma. Uma das coisas que acontece no ensino de línguas é

¹ Universidade College London (UCL), onde se localiza o Centro de Pesquisa sobre Linguagem, Surdez e Cognição (DCLA).

que você quer aumentar as habilidades dos falantes da L2. Você quer que eles usem mais atuação, você quer que eles usem mais representação, você quer que eles usem mais *role shifts* [mudança de papéis discursivos] ou ações construídas. Esses são recursos muito usados em língua de sinais. Queremos que eles entendam as estruturas metafóricas hierarquicamente. Queremos que entendam o posicionamento, que é ao mesmo tempo concreto e abstrato. Esses são recursos necessários, mas não significa que você precise usá-los o tempo todo. Os alunos aprendem isso na aula de língua de sinais e depois vêm para uma aula de interpretação reproduzindo o que acabaram de aprender. Como professor de interpretação, digo a eles: "Certo, agora eu quero que você pense com quem você está falando e sobre o quê". E, muitas vezes, eles respondem: "Mas, tal professor está dizendo algo diferente de você e do que estamos falando". Eu explico que os professores querem que os alunos disponham de tantos recursos quanto for possível. Eu os estou ensinando a usar esses recursos durante a interpretação, o que é diferente. A tecnologia está mudando a maneira que trabalhamos. Haverá uma maior quantidade de interpretação remota e a distância e nós precisamos ser mais sensíveis ao modo como isso se apresenta, bem como nos tipos de recursos precisamos ter. Não estou dizendo que é ruim. Isso cria novas possibilidades de intérpretes Surdos e ouvintes trabalharem juntos. No contexto do Reino Unido, escolas Surdas fecharam e as pessoas

mais velhas, que podem estar sofrendo de demência, podem começar a lembrar de seus antigos sinais escolares. Muitas vezes, os intérpretes Surdos ainda lembram desses sinais, pois cresceram em famílias Surdas, frequentaram associações, e seus pais tinham amigos que frequentavam a escola. E isso não está registrado em nenhum outro lugar. Assim, com o objetivo de atender essas populações, precisamos ser muito mais sensíveis. E com a tecnologia, não importa se essa pessoa mora em *Cornwall*², porque é só fazer uma chamada para conversar. Entretanto, também encontramos certa resistência em só haver interpretação remota e parte disso se deve aos intérpretes. Às vezes, os intérpretes vão dizer: "Eu não quero interpretar uma conferência de dentro de uma sala. Todo mundo está se divertindo. Eu quero estar lá também. Estando lá eu posso ver muito mais coisas". Contudo, precisamos ter sensibilidade sobre como manter essa tecnologia que utilizamos, e parte disso terá motivação econômica. A língua de sinais é interessante porque as línguas mudam e os intérpretes de língua de sinais, às vezes, adotam uma pseudoetimologia e certas ideologias sobre a linguagem de pessoas Surdas, o que não é muito adequado para profissionais. Se eu estou usando um dialeto, ou sinais de uma Comunidade mais tradicional da Língua de Sinais Britânica, e isso não serve à necessidade da pessoa diante de mim, eu

² A Cornualha (em inglês, Cornwall) é um condado que fica no sudoeste de uma península da Inglaterra, no Reino Unido. Estando a 335,46 km de Londres e a 418,1 km de Wolverhampton.

preciso adaptar o meu produto ao que ela necessita. Não importa se ela está usando um sinal que eu acho que não está certo, já que naquele momento esse não é o meu papel. Como analogia, imagine que você vai a um alfaiate e pede que ele suba a bainha da calça em dois centímetros. Mas ele fala: “Ah, vai ficar muito melhor se eu subir a bainha em cinco centímetros”. Você não vai voltar nesse alfaiate, porque ele não fez o que você pediu, esteja ele certo ou não. Como intérpretes, também precisamos fazer isso. Eu acho que também há muito medo. As pessoas mais velhas sempre sentem que a língua está mudando mais rápido do que elas conseguem acompanhar. A tecnologia muda de um modo que eles não entendem, mas não precisa ser assim. Pode haver empregos em que Surdos empreendedores façam coisas que nunca nem imaginamos que poderiam se caracterizar como trabalho. E eles serão nossos professores, o que será uma posição interessante para alguns intérpretes, visto que os Surdos são nossos iguais. Penso que este é um problema que ninguém quer enxergar. Apesar das diferentes experiências de vida, você está acostumado a pensar no Surdo como seu igual? Nós todos temos *ismos*, mas não acho que os intérpretes estejam dispostos a reconhecer que os têm. As possibilidades do que pode acontecer são empolgantes, mas precisamos estar engajados no diálogo com as Comunidades Surdas para entender o que está mudando. Precisamos nos manter a par da tecnologia, mas eu também acho

que o futuro é multilíngue. Pessoas Surdas viajarão mais, pessoas Surdas se envolverão nas comunidades virtuais, as quais não frequentam presencialmente, e aprenderão línguas. E os intérpretes terão que entender como isso funciona. Saber somente duas línguas não será suficiente, porque não servirá às necessidades de muitas das populações que atendemos. É empolgante, sabe? Lembro que quando comecei, há 21 anos, era possível prever o tipo de trabalho que você faria: “Neste mês, eu provavelmente vou interpretar um pouco no âmbito social, vou participar de algumas formações, um pouco de consciência Surda, provavelmente uma consulta médica, uma consulta ao dentista, e há esse grande empregador de intérpretes, então haverá esse tipo de trabalho”. Agora, temos Surdos bacharéis, mestres e doutores. Surdos montando seus próprios negócios. Surdos participando de conversas particulares que não necessariamente já foram interpretadas um dia. Situações íntimas que às vezes você nem quer saber, mas estão lá. Interesse-me pelo trabalho de interpretação, de pessoas conversando entre si, da língua e de como ela muda, da vida das pessoas e de como elas mudam, os objetivos de vida das pessoas e o como alcançá-los. É um momento muito empolgante para ser intérprete. E vai continuar sendo. Com certeza! Entretanto, sim, trará desafios. É sobre ter experiência com tecnologia, entender como a Comunidade está mudando, se é algo causado por uma diáspora, porque as pessoas ficam juntas

virtualmente, mas ainda estão lá, firmes e fortes. O fato de que essas mudanças não necessariamente se darão em lugares óbvios é um desafio para os intérpretes. Se você perguntar a um intérprete de português brasileiro que viveu no Reino Unido: “Você vai ao Brasil?” e ele responde: “Não, eu não iria ao Brasil, é só um trabalho”, isso soaria estranho. — Você assiste televisão brasileira? — Ah, não. — Você lê livros brasileiros? — Ah, não”. Se você é um intérprete de BSL ou um intérprete de Libras, você vai sempre a eventos de Libras? Claro que sim. E não é uma questão de trabalho, é sobre decidir ter o privilégio de testemunhar a vida das pessoas. E estar lá nesses momentos tão importantes.

Sutton-Spence: **Estou tão feliz de você ter aceito nosso convite. Quando Carlos Rodrigues disse: “você pensa em alguém?”. Seu nome veio à minha mente na hora. Portanto, muito obrigada.**

Stone: Um prazer.

**BIOGRAPHY:
CHRISTOPHER STONE**

Dr Christopher Stone

Reader in Interpreting and Translation

University of Wolverhampton

Faculty of Social Sciences

School of Social, Historical and Political Studies

Areas of expertise:

- Sign language interpreting and translation
- Deaf interpreters and translators
- Interpreting and translation in the media and on broadcast television
- Pragmatics
- Ethnography
- Expert witness

Qualifications:

Christopher Stone has a PhD (which resulted in the publication of *Towards a Deaf Translation Norm*, Gallaudet University Press 2009), and an MA in Deaf Studies from the University of Bristol. He also has a Diploma in Social Sciences in Deaf Studies (Interpreting) from the same university and a BSc in Chemistry from the University of Exeter.

About:

Christopher Stone currently holds an academic post at the University of Wolverhampton as a Reader in

Interpreting and Translation.

He has held academic posts at Gallaudet University, University College London (UCL) and the University of Bristol.

He has explored (with Drs. Robert Adam and Breda Carty) Deaf people working as translators and interpreters within the Deaf community and at the institutional interface.

He has also studied Deaf/nonDeaf interpreting teams in international conference settings with Dr. Debra Russell examining team strategies and use of depiction.

His first postdoctoral research post was based at the Deafness Cognition and Language research centre (DCAL), University College London, using a longitudinal study to examine predictors for sign language learning and sign language interpreter aptitude.

He is currently in receipt of a Spencer Foundation grant with Dr. Gene Mirus for the project "The development of Deaf legal discourse", which examines the use of ASL by Deaf lawyers.

Research interests:

His research interests are within the areas of Interpreting Studies, ethnography, language and cognition. His most recent work covers the following areas:

- Deaf interpreters;
- Systemic influence and the ruling relations of interpreting;
- The Development of Deaf legal discourse;

- Deaf and hearing interpreting teams;
- Interpreter aptitude.

Membership of professional bodies:

- Fellow of the Association of Sign Language Interpreters UK (ASLI)
- Registered Sign Language Interpreter, National Registers of Communication Professionals working with Deaf and Deafblind People (RSLI, NRCPD) languages: BSL, English, ASL
- Member and Certified Interpreter, Registry of Interpreters for the Deaf (RID) languages: ASL, English
- Active member International Association of Conference Interpreters (AIIC) languages: English (A), BSL (A), ASL (B)
- Professional Standards panel member, National Register of Communication Professionals with Deaf and Deaf blind people (NRCPD)
- Member European forum of sign language interpreters (outgoing vice-President)
- Member World Association of Sign Language Interpreters (European board representative)
- Member World Federation of the Deaf (WFD)

Research experience:

Jul 2015–present

Senior Lecturer (Associate Professor)

University of Wolverhampton · Department of Interpreting and Deaf Studies

United Kingdom

Jan 2013–Jun 2015

Professor (Associate) MA Program Coordinator
Gallaudet University · Department of Interpretation
United States · Washington, D.C.

Jan 2006–Jan 2013

Senior Research Associate
University College London · Deafness Cognition and
Language Research Centre
United Kingdom · London

Jan 1999–Dec 2005

Assistant Professor
University of Bristol · Centre for Deaf Studies
United Kingdom · Bristol

Experience:

Free Lance Interpreter – 1998 onwards
Works in a variety of settings: court, police, doctors' surgeries, hospitals, dentists, business meetings, AGM's, university lectures, local media (BBC radio and television), national media and conferences (ASLI, BAAL, BBC, LAGB, Labour party conference, UNISON, etc.), European meetings and conferences (EFSLI, EU Commission, EU Parliament, Council of Europe, etc.) and international meetings and conferences (CUNY, Deaflympics, ICED, IOC, TISLR, UN, WASLI, WFD, etc.). Working languages: English (A), BSL (A), ASL (B), IS (B), French (C), and ISL (C).

Publications:**Book:**

Roy, C. B., Brunson J. L., and Stone, C. (2018) The

academic foundations of interpreting studies: An introduction to its theories, Washington, D.C: Gallaudet University Press.

Stone, C. (2009). Towards a Deaf translation norm, Washington, D.C: Gallaudet University Press.

Edited books:

Stone, C. and Leeson, L. (Eds.) (2017) Interpreting and the politics of recognition: IATIS yearbook 2017. London: Routledge.

Adam, R., Stone, C. Collins, S. and Metzger, M. (Eds.) (2014) Deaf interpreters at work: International insights. Washington, DC: Gallaudet University Press.

Journal articles:

De Meulder, M., Napier, J., and Stone, C. (2018). Designated or preferred? A Deaf academic and two signed language interpreters working together for a PhD defense: A case study of best practice, *International Journal of Interpreter Education*, 10(2), 5-26, <https://www.cit-asl.org/new/ijie-10-2-designated-or-preferred/>

Stone, C. (2017). Sign language interpreting: The trials and tribulations of a longitudinal study. *Translation & Interpreting*, 9 (1), <http://www.trans-int.org/index.php/transint/article/view/612>

Book chapters:

Stone, C. and Hughes, T. (2019). Facilitating legitimate peripheral participation for student sign language interpreters in medical settings. In I Souza and E Fragkou (eds.) *Handbook of Research on Medical Interpreting*. Hershey, PA: IGI Global.

Stone, C. (2019). Pointing, telling, and showing – multimodal dietic enrichment during in-vision sign language translation. In R Tipton and L Desilla (eds.) The routledge handbook on translation and pragmatics. London: Routledge.

Stone, C. (2018). Being in it, to win it. In S Costa (ed.) Theory in practice - Practice in theory: Bridging the gap between researchers and practitioners Proceedings Nordic Seminar 2018. Stockholm: STTF.

Stone, C. and Issari, S. (2018). Becoming conference interpreters: the Deaf experience. In Stone, C. (ed.) Deaf interpreting in Europe: exploring best practice in the field. Copenhagen: DDL. <https://www.deaf-interpreters.com/publications>

Stone, C. and Mirus, G. (2018). The development of Deaf legal discourse. In Creese, A. and Blackledge, A. (eds.) The routledge handbook on language and superdiversity. London: Routledge.

Stone, C. and Russell, D. (2016). A comparative analysis of depicting signs in IS and natural sign language interpreting. In Rosenstock, R. and Napier, J. (Eds.) International Sign: Linguistic, usage and status issues. Washington, DC: Gallaudet University Press.

Conference Proceedings:

Bown, S., Dekesel, K. and Stone, C. (Eds.) (2015). Mind tricks, efsli conference proceedings, EFSLI 12-14 September 2014, Antwerp, Belgium.

Dickinson, J., & Stone, C. (Eds.) (2012). Developing the interpreters, developing the profession, ASLI 2010

conference proceedings, ASLI conference 2010, 16-17 October 2010, Nottingham, UK. Coleford: Douglas Mclean.

From: <https://www.wlv.ac.uk/about-us/our-staff/christopher-stone/>

**BIOGRAFIA:
CHRISTOPHER STONE**

Prof. Dr. Christopher Stone

Professor e pesquisador em Interpretação e Tradução, internacionalmente reconhecido

Universidade de Wolverhampton

Faculdade de Ciências Sociais

Centro de Estudos Sociais, Históricos e Políticos

Áreas de atuação:

- Tradução e Interpretação de Língua de Sinais
- Intérpretes e Tradutores Surdos
- Interpretação e Tradução midiática e televisiva
- Pragmática
- Etnografia
- Peritos/ Especialistas

Titulação:

Christopher Stone é Doutor pela Universidade de Bristol (tendo publicado *Towards a Deaf Translation Norm* — em português, “Rumo à uma Norma Surda de Tradução” —, pela Editora da Universidade de Gallaudet, em 2009) e Mestre pela mesma instituição. Possui especialização em Ciências Sociais — Estudos Surdos (Interpretação) — pela Universidade de Bristol e é Bacharel em Química pela Universidade de Exeter.

Informações gerais:

Atualmente, Christopher Stone é professor e pesquisador em Interpretação e Tradução na Universidade de Wolverhampton.

Já atuou profissionalmente na Universidade de Gallaudet, na Universidade College London (UCL) e na Universidade de Bristol.

Atuou em conjunto com o Prof. Dr. Robert Adam e a Profa. Dra. Breda Carty, investigando o trabalho de tradutores e intérpretes Surdos no âmbito da Comunidade Surda e também em contextos institucionais.

Realizou pesquisas sobre o trabalho em equipe de intérpretes Surdos e ouvintes no contexto de interpretação de conferência internacional, em conjunto com a Prof. Dra. Debra Russell, analisando as estratégias do trabalho em equipe e o uso da construção representativa.

Sua primeira pesquisa de Pós-Doutorado ocorreu no Centro de Pesquisa sobre Linguagem, Surdez e Cognição (DCAL) na Universidade College London, aplicando um estudo longitudinal com o objetivo de examinar os indicadores do aprendizado de língua de sinais e da aptidão do intérprete de língua de sinais.

Atualmente, em conjunto com o Prof. Dr. Gene Mirus, recebe uma bolsa da *Spencer Foundation* para o projeto intitulado “O desenvolvimento do Discurso Legal de Surdos”, que analisa o uso de ASL por advogados Surdos.

Linhas de Pesquisa:

Suas linhas de pesquisa se concentram no âmbito das áreas dos Estudos da Interpretação, etnografia, linguagem e cognição. Seus trabalhos mais recentes envolvem as seguintes áreas:

- Intérpretes Surdos;
- Influência sistêmica e as relações de poder na interpretação;
- O desenvolvimento do Discurso Legal de Surdos;
- Equipes de intérpretes Surdos e ouvintes;
- Aptidão do profissional intérprete.

Membro de entidades de profissionais:

- Membro da Associação de Intérpretes de Língua de Sinais do Reino Unido (ASLI);
- Intérprete de Língua de Sinais Associado ao Registro de Intérpretes de Língua de Sinais e ao Registro Nacional de Profissionais da Comunicação com Pessoas Surdas e Surdocegas (RSLI NRCPD). Línguas: BSL, Inglês, ASL;
- Membro e Intérprete Certificado pelo Registro de Intérpretes para Surdos (RID). Línguas: ASL, Inglês;
- Membro ativo da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC). Línguas: Inglês (A), BSL (A), ASL (B);
- Membro do Comitê de Normas Profissionais do Registro Nacional de Profissionais da Comunicação com Pessoas Surdas e Surdocegas (NRCPD);
- Membro do Fórum Europeu de intérpretes de língua

- de sinais (atual vice-presidente);
- Membro da Associação Mundial de Intérpretes de Língua de Sinais (Conselho Representativo Europeu);
- Membro da Federação Mundial dos Surdos (WFD).

Experiência acadêmica:

Julho 2015–atual

Professor Associado (*Senior Lecturer*)
 Universidade de Wolverhampton · Departamento de Interpretação e Estudos Surdos
 Reino Unido

Janeiro 2013–junho 2015

Professor Associado e coordenador do Programa de Mestrado
 Universidade de Gallaudet · Departamento de Interpretação
 Estados Unidos · Washington, D.C.

Janeiro 2006–janeiro 2013

Pesquisador Associado Sênior
 Universidade College London · Centro de Pesquisa sobre Linguagem, Surdez e Cognição
 Reino Unido · Londres

Janeiro 1999–dezembro 2005

Professor Adjunto
 Universidade de Bristol · Centro de Estudos Surdos
 Reino Unido · Bristol

Experiência profissional:

Intérprete *Freelancer* – desde 1998
 Trabalha em contextos variados: judicial, policial, cirúrgico, hospitalar, odontológico, empresarial,

reuniões, acadêmico, midiático local (rádio BBC e televisão), midiático nacional e contextos de conferência (ASLI, BAAL, BBC, LAGB, conferencista do partido trabalhista, UNISON etc.), reuniões e conferências na Europa (EFSLI, Comissão UE, Parlamento UE, Conselho Europeu etc.) e reuniões e conferências internacionais (CUNY, *Deaflympics*, ICED, IOC, TISLR, UN, WASLI, WFD etc.).

Línguas de trabalho: Inglês (A), BSL (A), ASL (B), SI (B), Francês (C) e ISL (C).

Publicações:

Livros:

ROY, C. B., BRUNSON J. L., STONE, C. *The academic foundations of interpreting studies: An introduction to its theories*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2018.

STONE, C. *Towards a Deaf translation norm*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press., 2009.

Organização de livros:

STONE, C., LEESON, L. (Eds.) *Interpreting and the politics of recognition: IATIS yearbook 2017*. London: Routledge, 2017.

ADAM, R., STONE, C. COLLINS, S., METZGER, M. (Eds.) *Deaf interpreters at work: International insights*. Washington, DC: Gallaudet University Press., 2014.

Artigos em periódicos:

DE MEULDER, M., NAPIER, J., STONE, C. Designated or preferred? A Deaf academic and two signed language interpreters working together for a PhD defense: A

case study of best practice, *International Journal of Interpreter Education*, 10(2), 5-26, 2018. <https://www.cit-asl.org/new/ijie-10-2-designated-or-preferred/>

STONE, C. Sign language interpreting: The trials and tribulations of a longitudinal study. *Translation & Interpreting*, 9 (1), 2017. <http://www.trans-int.org/index.php/transint/article/view/612>

Capítulos:

STONE, C., HUGHES, T. Facilitating legitimate peripheral participation for student sign language interpreters in medical settings. In: SOUZA, I., FRAGKOU, E. (eds.) *Handbook of Research on Medical Interpreting*. Hershey, PA: IGI Global, 2019.

STONE, C. *Pointing, telling, and showing: multimodal dietic enrichment during in-vision sign language translation*. In: TIPTON, R., DESILLA, L. (eds.) *The routledge handbook on translation and pragmatics*. London: Routledge, 2019.

STONE, C. Being in it, to win it. In: COSTA, S. (ed.) *Theory in practice: Practice in theory: Bridging the gap between researchers and practitioners Proceedings Nordic Seminar 2018*. Stockholm: STTF, 2018.

STONE, C., ISSARI, S. Becoming conference interpreters: the Deaf experience. In: STONE, C. (ed.) *Deaf interpreting in Europe: exploring best practice in the field*. Copenhagen: DDL, 2018. <https://www.deaf-interpreters.com/publications>

STONE, C., MIRUS, G. The development of Deaf legal discourse. In: CREESE, A., BLACKLEDGE, A. (eds.) *The*

routledge handbook on language and superdiversity. London: Routledge, 2018.

STONE, C., RUSSELL, D. A comparative analysis of depicting signs in IS and natural sign language interpreting. In: ROSENSTOCK, R., NAPIER, J. (Eds.) *International Sign: Linguistic, usage and status issues*. Washington, DC: Gallaudet University Press., 2016.

Anais:

BOWN, S., DEKESEL, K., STONE, C. (Eds.) *Mind tricks, efsli conference proceedings, EFSLI 12-14 September 2014*. Antwerp: Belgium, 2015.

DICKINSON, J., STONE, C. (Eds.) *Developing the interpreters, developing the profession, ASLI 2010 conference proceedings, ASLI conference 2010, 16-17 October 2010, Nottingham, UK*. Coleford: Douglas Mclean, 2012.

Fonte: <https://www.wlv.ac.uk/about-us/our-staff/christopher-stone/>

EDITORS

Carlos Henrique Rodrigues

Professor in the Graduate Program in Translation Studies and in the Letras Libras undergraduate courses, both at the Federal University of Santa Catarina. Holds a PhD in Applied Linguistics (Translation Studies) and a Master's degree in Education, both from the Federal University of Minas Gerais. He is leader of the 'Sign Language Interpreting and Translation Research Center' – InterTrads. He conducted post-doctoral research at *Universitat Autònoma de Barcelona*, Spain.

Rachel Sutton-Spence

Professor in the Graduate Program in Translation Studies and in the Letras Libras undergraduate courses, both at the Federal University of Santa Catarina. Holds a PhD in Deaf Studies from the University of Bristol and Bachelor of Arts in Experimental Psychology from the University of Oxford. She is leader of the research group 'Literature in Sign Languages'. She conducted post-doctoral research at the Federal University of Santa Catarina, Brazil, and at *Swarthmore College*, USA.

CONTRIBUTORS

Hanna Beer

PhD student in the Graduate Program in Linguistics at the Federal University of Santa Catarina, Master's in Applied Linguistics from *Universitat de Barcelona*, Bachelor of Laws from the Federal University of Juiz de Fora. She is a member of the 'Sign Language Interpreting and Translation Research Center' – InterTrads and of the 'Sign Language Translators and Interpreters in Legal Settings' extension program – Tilsjur, both at the Federal University of Santa Catarina.

João Gabriel Duarte Ferreira

PhD student in the Graduate Program in Translation Studies at the Federal University of Santa Catarina, holds a Master's degree in Translation Studies and a bachelor's degree in Letras Libras from the same institution. He is a member of the 'Sign Language Interpreting and Translation Research Center' – InterTrads.

Vitória Tassara

Master's student in the Graduate Program in Translation Studies at the Federal University of Santa Catarina, holds a bachelor's degree in Portuguese-English Translation from the Federal University of Pelotas. She is a member of the 'Sign Language Interpreting and Translation Research Center' – InterTrads.

Victoria Pedroni

Master's student in the Graduate Program in Translation Studies in the Federal University of Santa Catarina and holds a degree in Letras Libras from the same institution. She is a member of the research group 'Literature in Sign Languages'.

ORGANIZADORES:**Carlos Henrique Rodrigues**

Professor da Pós-Graduação em Estudos da Tradução e dos Cursos de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Linguística Aplicada (Estudos da Tradução) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. É líder e pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads. Possui pós-doutorado pela *Universitat Autònoma de Barcelona*, Espanha.

Rachel Sutton-Spence

Professora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução e dos Cursos de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Estudos Surdos pela Universidade de Bristol e graduada em Bachelor of Arts in Experimental Psychology pela Universidade de Oxford, ambas no Reino Unido. É líder do grupo de pesquisa Literatura em Línguas de Sinais. Possui pós-doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina e pela Swarthmore College, Estados Unidos.

COLABORADORES:**Hanna Beer**

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Mestra em Linguística Aplicada pela *Universitat de Barcelona*, Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Integra o Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads e o Programa de Extensão Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais na Esfera Jurídica – Tilsjur, ambos na Universidade Federal de Santa Catarina.

João Gabriel Duarte Ferreira

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Estudos da Tradução e Bacharel em Letras Libras pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads.

Vitória Tassara

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Bacharel em Letras Tradução Português-Inglês pela Universidade Federal de Pelotas. Integra o Núcleo de

Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads.

Victoria Pedroni

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e Licenciada em Letras Libras pela mesma instituição. Integra o Grupo de Pesquisa Literatura em Línguas de Sinais.

Christopher Stone Entrevista foi composto nas fontes Avenir e Copperplate, impresso sobre os papéis Supremo 250 gramas e Avena 80 gramas, com tiragem de 500 exemplares para a Editora Medusa, em Curitiba, Paraná, Brasil, no verão de 2020.